

ATELIÊ DOS ARQUITETOS ASSOCIADOS:

OS LAÇOS NA GRADUAÇÃO E O TRABALHO COLETIVO

VITOR MARTINS ASSIS

ATELIÊ DOS ARQUITETOS ASSOCIADOS:

OS LAÇOS NA GRADUAÇÃO E O TRABALHO COLETIVO

VITOR MARTINS ASSIS

Uberlândia | MG 2021

Trabalho de conclusão de curso apresentado à FAUeD – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Tomitão Canas

SUMÁRIO

6 APRESENTAÇÃO

8 LAÇOS

10 A Graduação em Arquitetura e Urbanismo

13 A arquitetura e o Trabalho Coletivo

19 CARACTERIZAÇÃO

19 Os espaços de trabalho e as formas de trabalho

43 Coworking

45 Espaço Coletivo e a Pandemia

49 O nosso espaço de trabalho

52 O Coletivo/ As personalidades

61 CONFORMAÇÃO

61 O terreno

66 Programa

68 O projeto

88 BIBLIOGRAFIA

90 ANEXO

APRESENTAÇÃO

Este trabalho traz uma abordagem teórica sobre as relações sociais interativas entre pessoas e os resultados desta, mais especificamente sobre a aplicação e influência de atividades ou trabalhos coletivos e sua relevância no campo da arquitetura e urbanismo,

com a intenção de elucidar o quão relacionado está a figura do arquiteto urbanista com o espaço de trabalho no papel de organizador e também usuário.

A pesquisa irá expor opiniões de filósofos, artistas e profissionais arquitetos e urbanistas e também exemplificar com alguns projetos.

Além de construir e expor minha opinião sobre o tema, este trabalho também é uma tentativa de elaborar um projeto no qual eu consiga trabalhar ao lado e em conjunto de meus amigos, todos da minha turma e futuros colegas de profissão, dando vida a ideias em um ateliê experimental e também servindo a sociedade na disseminação de conhecimento e promoção de cultura.

A ideia sobre este trabalho surgiu ao fim do oitavo período quando acabamos o último ateliê de projeto integrado, matéria esta que influenciou este trabalho, e percebemos que o curso estava sendo finalizado e que os trabalhos em grupo também haviam acabado e daquele ponto em diante até o fim da graduação seria trabalho individual. O que de certa forma é curioso, pois desde o início do curso nos é ensinado a trabalhar em grupo, não só pela demanda, mas também para a prática do exercício do trabalho coletivo e colaborativo, logo imaginei como seria possível continuar com essa prática após a graduação.

Este trabalho enaltece o trabalho coletivo, a troca de experiências, o sentimento de pertencimento e inclusão como uma maneira positiva de se enxergar e exercer o ofício.

Também levanta uma reflexão sobre o papel do arquiteto e urbanista na sociedade atual, sobre como este pode ser um agente formador de opinião e promotor da educação e da cultura, já que a arquitetura, foi e ainda é um instrumento de representação política e social.

É imprescindível que as universidades e profissionais deem mais importância na sua agenda social, pois há responsabilidades legais e morais sobre estes com a sociedade. E para os arquitetos e urbanistas, uma das maneiras de cumprir seu papel social é servindo-a com exímia aplicação de seus conhecimentos e habilidades a fim de sempre melhorar o que está lesado nas várias escalas do ambiente construído.

Aos amigos, aos quais é dedicado este trabalho e que por consequência são “objetos de estudo”, há de parecer um grupo seleto de relações verdadeiras, com diferentes graus de intimidade entre cada um dos indivíduos, obvio, mas todos equiparados, juntos numa relação horizontal de comunicação, sinceridade, liberdade, interesses em comum, convivência por escolha, todas essas características daquilo que conhecemos como amizade. Laços estes construídos ao longo de uma graduação de no mínimo cinco anos, destes cinco, quatro são dedicados ao convívio mútuo, “provando do sal juntos” parafraseando Aristóteles, o que faz com que mais “sólida” se torne as relações. Uma jornada que começada juntos e que transcendeu os aspectos puramente acadêmicos e que podem, se assim desejarem, permanecer juntos.

“A AMIZADE ATINGE SUA IRRADIAÇÃO TOTAL NA MATURIDADE DA IDADE E DO ESPÍRITO”

(CÍCERO, OP. CIT., P.94)



LAÇOS

Aliança entre pessoas; compromisso, liga, união, vínculo.[1]

É inegável que o meio social e a comunidade que o circunda influencia o indivíduo, são agentes definidores de caráter, personalidade e opiniões. Os laços construídos ao longo de uma vida são ao mesmo tempo parte de um todo, a vida, e o próprio todo. Esta afirmação se dá a partir do momento que se entende que o ser humano é um ser social por natureza e que precisa da vida em comunidade para continuar a existir.

Os laços sociais podem se originar de diversas formas, seja pelo acaso, pelo ambiente, pelos objetivos em comum, etc. Todos eles estabelecem uma relação, uma conexão entre os indivíduos de certo grau de intimidade e uma destas é a amizade. A amizade ao longo do tempo foi vista e analisada por diversos pensadores, de acordo com Aristóteles:

> a cidade é uma criação natural, e que o homem é por natureza um animal social, e que é por natureza e não por mero acidente, não fizesse parte de cidade alguma, seria desprezível ou estaria acima da humanidade [...] A característica específica do homem em comparação aos outros animais é que somente ele tem o sentimento do bem e do mal, do justo e do injusto e de outras qualidades morais, e é a comunidade de seres com tal sentimento que constitui a família e a cidade. (Política, I, 1253b, 15)

Como citada anteriormente, sob a ótica aristotélica, a amizade é vital para funcionamento da sociedade. Em sua obra "Ética a Nicômaco", Aristóteles discorre sobre a amizade com significativa importância para vida humana, tanto no âmbito da ética quanto no da política.

Alterando o cenário da Grécia pré-helenística para a Itália no período da República Romana, destaca-se a figura de Marco Túlio Cícero, um político, orador e filósofo que entre seus estudos e documentos também dissertou sobre o tema da amizade. Para Cícero a amizade é o que os deuses deixaram de melhor para o homem, exceto pela sabedoria.

O pensador descreve a amizade como sendo de ordem natural, e acontece quando há uma simpatia entre duas pessoas que ultrapassa uma relação de troca de favores, prazeres ou demais finalidades, trata-se de uma visão diferente da de Aristóteles. Para o filósofo latino, os laços de amizade concebem esperanças em todas as dificuldades e não deixam que os ânimos se desfaleçam. Esse considera a relação advinda da natureza, pois caso viesse do interesse mútuo, quando este acabasse os laços iriam se desfazer.

De acordo com a obra de Cícero, todos nascem com um certo vínculo de sociedade, sendo a amizade um deste. Portanto, a natureza humana se recusa à solidão, e parece sempre procurar um apoio sendo este, um amigo.

> E assim, nos que estão acostumados a este gênero de discursos, julgo que deveis procurar o que se pode dizer sobre a amizade. Eu só posso aconselhar-vos que a coloqueis sobre todas as conveniências da vida; porque nenhuma coisa tão conforme à natureza, nem tão a propósito para os casos favoráveis ou adversos. Mas em primeiro lugar sou de parecer que não pode haver amizade senão entre homens de bem, e isto não vamos desfiar muito, como costumam fazer os que discorrem sobre subtilezas. (Da amizade, 2012, p. 18)

Para encerrar a linha do tempo temos a figura de Michel de Montaigne, humanista, político, filósofo e escritor francês no último século do Renascimento. Diferente de Aristóteles e Cícero, Montaigne preocupa-se em distinguir a amizade das outras formas de relacionamento, pois para esse a amizade é forma mais perfeita de relação entre os seres humanos. Diferencia-se das relações entre pais e filhos, pois nesta não há liberdade entre os indivíduos e tampouco intimidade, virtudes fundamentais entre amigos, pois em uma família há uma hierarquia vertical; entre irmãos de sangue se diferencia, pois entre estes há uma rivalidade natural, o que não há entre amigos, visto que entre iguais há o interesse mútuo; aos amantes se diferencia quando a paixão preenche um vazio humano temporariamente em contraposição à amizade que é perene. o interesse mútuo; aos amantes se diferencia quando a paixão preenche um vazio humano temporariamente em contraposição à amizade que é perene.

> É verdade que a amizade assinala o mais alto ponto de perfeição na sociedade. Em geral sentimentos a que damos o nome de amizade, nascidos da satisfação de nosso prazeres, das vantagens que usufruímos, ou de associações formadas em vista de interesses públicos ou privados, são menos belos, menos generosos, e participam tanto menos da amizade, a qual tem outras causas, visa a outros fins. (MONTAIGNE, 1984, p.92)

[1] LAÇO. *In:* MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2020. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/la%C3%A7o/. Acesso em: 08/09/2020.

A arquitetura e urbanismo também é afetada pelo trabalho em grupo, obviamente, já que está diretamente relacionada a sociedade, e é possível dizer que talvez é/ seja uma das áreas que mais traduz claramente como se dá a construção e a interação destes e como são os resultados dessas interações no meio. A arquitetura é meio (instrumento) e fim (propósito) para a criação dos laços. É meio quando serve a alguém ou a um grupo para projetar e o projeto para existir depende que pessoas interajam entre si, um trabalho coletivo, como a disciplina do curso: Ateliê de Projeto Integrado; É fim quando o projeto possui como premissa a promoção e o incentivo a vida em sociedade, e quando atinge esta premissa acaba que se torna meio novamente, em vista disso é cíclica. Portanto, é dever social do arquiteto e urbanista viabilizar a construção de laços e do seu planejamento para a cidade estabelecer e construir o espaço das relações desse laço.

A GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Em 2016 inicia-se a 21ª turma do curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Uberlândia, a qual as pessoas envolvidas a este trabalho pertencem, e neste mesmo ano também se dá início, como para qualquer outro aluno, a vida acadêmica universitária, que se revelará como sendo algo bem diferente do que fora as escolas do ensino médio e os cursinhos preparatórios.

Um novato em um campus enorme e desconhecido, uma carga horária extensa, um nível de exigência mais alto sobre comportamento e responsabilidade e além disso, cercado por outros novatos na mesma situação, uma linha tênue entre a excitação e o desespero dessa nova fase propiciam um ambiente de recomeços, dá-se então os primeiros passos para a construção dos laços de afinidade.

É entre esse turbilhão de emoções e sensações que começa o ano letivo, este ambiente que é a universidade possibilita os alunos a interagirem entre si para garantir a sua "sobrevivência", por isso se entende: se acostumar com o local e a rotina, conhecer o perímetro e seus frequentadores. Por mais tímida e fechada que seja, em algum momento a pessoa precisará dizer seu nome, ou pedir uma informação, ou até mesmo expressar indignidade quando alguém pisar em seu pé na fila, a comunicação é uma das primeiras maneiras de se conectar a outrem.

A "sobrevivência" no curso é estabelecida na semana de recepção dos calouros. Nestes primeiros dias os novatos são submetidos a uma apresentação em público entre seus mais novos colegas de turma e veteranos para se apresentar e falar um pouco de si. Após isso, acontece no decorrer dos dias uma sucessão de atividades, tarefas e eventos para que todos se conheçam melhor e se sintam bem neste novo ambiente que é a faculdade.

Dentre estas atividades da semana de recepção, destaca-se a quarta-feira na qual acontece a "Pizzada", um evento que reúne os novatos e veteranos para fazer e assar pizzas e vendê-las a noite para o público universitário. A razão para o destaque desse dia acontece porque é uma atividade extensa e que exige a colaboração de todos para o bom funcionamento. Os próprios fornos de pizza que lá estão, atualmente são três, foram construídos pelos alunos em uma oficina, cada um construído em um momento diferente e conhecimento ministrado de uma turma veterana para uma turma mais nova.

O dia da "Pizzada" começa pela manhã, os calouros são reunidos por alguns veteranos que vão conduzir a atividade e inicia-se com a divisão de tarefas: alguns grupos vão cuidar do preparo da massa de pizza, outros vão cuidar da higienização dos ingredientes, outros da separação e dos cortes, etc. Terminado a manhã, uma equipe vai limpar a área de montagem das pizzas e dos fornos e também os acender durante a tarde, enquanto os demais descansam e se preparam para o grande momento da noite.

De noite as filas começam a se formar e a produção de pizza também, todos envolvidos trabalhando, interagindo, se revezando, uma mistura de animação e estresse, no fim do dia, todos cansados, sujos e queimados, mas com uma estranha sensação de satisfação, pelo trabalho realizado desde cedo, pelos vários ingressos vendidos, pelas várias bocas alimentadas, pelos vários sorrisos estampados e principalmente pela sensação de pertencimento e os novos amigos.



Figura 01: Turma XX1 na noite da Pizzada de 2016

Fonte: Acervo pessoal do autor

Nem só as atividades laborais da semana de recepção são capazes de aproximar os novos estudantes, talvez o melhor momento para se desfrutar e conhecer melhor os novos conhecidos se davam nos *happy hours* que ocorriam após as tarefas diurnas. As festas são excelentes espaços de aglomeração e interação social, a socialização é elemento fundamental de uma festa, não só a decoração, a música, ou o bar.

No bar acontece uma atividade marcante para os calouros, o preparo de caipirinha no pilão. Com um enorme pilão de madeira entalhada e uma receita ensinada oralmente por algum veterano os calouros ficam por conta de preparar ao longo da noite as caipirinhas servidas na festa. Geralmente em turno de quatro pessoas que se organizam na elaboração dos drinques, os quatro precisam estar sincronizados para atender a demanda dos pedidos e ainda servir com qualidade, apesar de parecer um pouco desgastante é possível também perceber no preparo das caipirinhas um pouco mais da lógica do trabalho coletivo e sua relação com as afinidades.

Estes são alguns dos relatos dentre as várias atividades da primeira semana que possuem o mesmo intuito, de preparar um ambiente mais confortável e estimular a integração entre os novos estudantes. A partir da segunda semana a parte acadêmica do curso tem início, os professores se apresentam e as aulas e os trabalhos, que parecem infindáveis, tomam conta da rotina do aluno.

São nestes trabalhos "infindáveis" que se agrupar se torna uma regra, pois ao longo de toda graduação são poucos os trabalhos realizados individualmente. Desde o princípio é estabelecido o trabalho em grupo. Na disciplina "Ateliê de Projeto Integrado", comumente chamada apenas de "Ateliê", acontece a emulação de uma vida profissioal, conforme previsto no projeto pedagógico do curso:

> A seqüência de disciplinas de ATELIÊ DE PROJETO INTEGRADO - API possui elevada importância no curso de Arquitetura e Urbanismo ao aproximar o aluno da prática profissional do arquiteto, realizando a síntese de todos os conhecimentos necessários ao projeto de edificações, espaços abertos e de urbanismo. (FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN, 2011, p.22)

No "ateliê" as ideias precisam ser discutidas e alinhadas, então exercita-se a comunicação e o respeito mútuo, depois no momento de executar o trabalho ocorre a divisão de tarefas que não se limita ao cumprimento solo, é necessário o apoio entre os integrantes mesmo que cada um tenha uma designação, o que incita a realização de um bom trabalho, além do objetivo em comum de serem aprovados, é ter uma ótima experiência de trabalho.

Já no primeiro período alguns professores já destacam que a vindoura profissão dificilmente acontece sozinha, que é imprescindível saber trabalhar em parceria, pois mesmo que o futuro profissional conduza uma firma solitária ele não estará sozinho em todas as etapas, já que um projeto é viabilizado em conjunto de vários outros profissionais que precisam estar de acordo com todas as partes. A interdisciplinaridade é outra questão prevista já no projeto pedagógico do curso:

> O aspecto relevante da metodologia da disciplina de ATELIÊ DE PROJETO INTEGRADO - API está no seu caráter interdisciplinar, que possibilita ao professor e aluno estabelecerem as relações necessárias entre as disciplinas do curso, sejam aquelas oferecidas nos semestres anteriores ou aquelas em desenvolvimento paralelo ao ateliê, abordando os conteúdos das diversas áreas que compõem o curso - História e Teoria, Linguagens, Tecnologia da Construção e Urbanismo, conteúdos estes que contribuem para a reflexão, a problematização e a qualidade na concepção e prática do projeto de arquitetura, urbanismo e paisagismo. (FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN, 2011, p.23)

Essa noção de coletividade começou a ser construída na semana de recepção dos calouros, direta e indiretamente conduzida pelos veteranos que já passaram por este processo e já possuem esta experiência, é lapidada ao longo da graduação e difundida posteriormente quando os recém graduados vão exercer a profissão em uma firma ou iniciar uma com um ex-colega de turma e agora sócio.

A ARQUITETURA E O TRABALHO COLETIVO

O trabalho coletivo acontece desde o princípio da civilização, quando os primeiros humanos automaticamente se juntam pela sobrevivência e assim perpetuar a espécie. Curioso destacar que a cooperação não é uma característica puramente humana como diz o sociólogo Richard Sennett:

> A cooperação pode ser definida, sucintamente, como uma troca em que as partes se beneficiam. Esse comportamento é imediatamente identificável nos chimpanzés cuidando uns dos outros, em crianças construindo um castelo de areia[...]. Imediatamente identificável porque o apoio recíproco está nos genes de todos os animais sociais; eles cooperam para conseguir o que não podem alcançar sozinhos. (SENNETT, 2013, p. 15)

É possível identificar o cooperativismo em atividades mais mundanas como se comunicar, quando se diz "bom dia" ou "obrigado", é uma conversão social, de fato, mas não apenas isso, pois está intrínseco que as "boas maneiras" implicam a boa convivência social, também pode ser visto em celebrações sagradas, a religião reforça os conceitos de união.

Junto do trabalho coletivo vem a ideia de respeito mútuo, já que pessoas que se respeitam, assim são porque se compreendem e aceitam as individualidades, e sobre estas parece estranho à primeira vista associar com a coletividade, por que de fato parece ser difícil haver cooperação entre os diferentes. Atualmente diz-se que a sociedade parece mais individualista, menos humanitária,

que expele ou reprime sentimentos que incitam o pertencimento ou noção de comunidade, isto pode ser creditado à um dos grandes males contemporâneos, a desigualdade social.

O que marca o início da idade contemporânea na história foi o início da Revolução Francesa, encabeçada por diversas pautas políticas e sociais, dentre elas a desigualdade. Assim como lá na França do século XVIII, a disparidade econômica e social entre as classes, consequência da gestão do modelo governamental regente, incitam o que Richard Sennett chama de "movimento nós-contra-eles", pois a distância que há entre a elite e as massas é tão grande que é compreensível a indignação. O grande problema do crescimento desse então chamado "nós-contra-eles" é que debilita os princípios da cooperação e sociedade coletiva (SENNETT, 2013).

Muito disso se dá como acontece o modelo de trabalho atual, empregos temporários ou de curto prazo tomam mais o espaço do que longas carreiras; criação de vários departamentos em diferentes unidades forçando um distanciamento entre os trabalhadores, as vezes até os isolando; as relações superficiais são os resultados desse modelo de curto prazo. Quando o indivíduo, já acostumado a esta forma de trabalho, encolhe-se cada vez mais em si, aumentando ainda mais o isolamento social e dificultando a interação, isto faz com o indivíduo se importe menos com questões não relacionadas diretamente a ele e seus laços enfraquecem ou deixam de existir, perde-se a identidade de coletivo.

Não só o modelo trabalhista é um agravante, o próprio estilo de vida da sociedade produz os mesmos resultados. As relações superficiais acarretam na homogeneização das coisas, porque nesta ótica, as diferenças precisam ser suprimidas para evitar qualquer "fagulha" de construção e caracterização de personalidade e consequentemente a formação de grupos com gostos e motivações mútuas.

A cooperação antecede a individualização, tendo em vista as formações sociais humanas e também o próprio desenvolvimento do ser humano. Quando se é criança a cooperação é primordial, a relação entre um bebê e os pais é o primeiro vínculo que se estabelece e à medida que cresce e a comunicação se desenvolve com maior habilidade inicia-se alguns dos processos de caracterização de individualidades e desentendimentos sociais, mas isto só reforça que a comunicação e interação é a ferramenta principal para manutenção dos laços. "Não poderíamos nos desenvolver como indivíduos no isolamento" (SENNETT, 2013, p. 25)

Uma das principais atividades que despertam a cooperação é o trabalho, tendo em vista primeiramente os trabalhos manuais. Na idade medieval já se existia a ideia de grupos de trabalhadores, as chamadas guildas, nos quais os trabalhadores de uma mesma área se uniam em corporações a fim de se manter um padrão de qualidade sobre o produto, defenderem seus interesses e ditarem o valor da mercadoria.

Nessas guildas percebe-se o valor do trabalho coletivo quando se uniam em prol de si mesmos e também quando passavam adiante o conhecimento. Famílias encaminhavam seus filhos para as guildas e lá os mestres acolhiam seus alunos e então iniciava-se a relação de troca de experiências e aprendizados, afinal, transmissão de conhecimento também é uma forma de cooperação.

Além das guildas, é valido destacar outros tipos de oficinas. Como aponta Sennett que no meio do século XIX, após a Guerra Civil Americana os escravos libertos enfrentaram um segundo problema que era de continuar vivendo sob o comando de grandes fazendeiros, mesmo após a alforria.

Idealizado por um ex-escravo chamado Booker T. Washington, um projeto nascera no qual os escravos libertos retomariam a trabalhar após frequentarem por um período instituições comunitárias formadoras de ensino técnico. Os institutos Hampton e Tuskegee capacitavam seus frequentadores com ensinamentos de agricultura, pecuária, carpintaria e artesanato em metal, além disso ensinavam como estes alunos, após saírem das instituições, iriam disseminar os conhecimentos adquiridos nas comunidades em que viviam. Para Washington, estas oficinas gerava um tipo honrado de sociabilidade e iriam alavancar a ascensão da comunidade negra dos Estados Unidos, pois nelas se fortaleciam os laços e enaltecia o sentimento de comunidade.

Em um período anterior a esse de Washington, há o idealista britânico, Robert Owen que estabelece algumas ideias para implementação de uma sociedade mais cooperativa. Dentre estes ideais, Owen buscava a partilha de lucros e bonificação aos trabalhadores, para então aumentar a lealdade a uma empresa e fortalecer a solidariedade entre os trabalhadores.

> Para Owen, lealdade e solidariedade são necessárias para que as instituições se tornem produtivas; os sociólogos industriais modernos têm documentado o fundamento da proposta de Owen. As organizações, tenham fins lucrativos, sejam governamentais ou caritativas, precisam promover o compromisso; a concepção de oficina em Owen é de uma instituição combinando lealdade e benefícios mútuos a longo prazo com flexibilidade e abertura a curto prazo. (SENNETT, 2013, p. 76)

O laboratório científico, previsto por Owen, é uma variante de oficina, os trabalhos realizados no laboratório seriam experimentais, o berço das ideias e descobertas. A importância dos laboratórios se dá na prática a partir da experimentação, sem utilizar métodos preconcebidos de norteamento, os resultados são sempre uma surpresa, mesmo quando são falhos contribuem para o desenvolvimento de metodologias, ideias, projetos, etc. Sobre esses laboratórios, há alguns exemplos no campo da arquitetura, como: Giancarlo de Carlo um dos pioneiros nas experiências com a arquitetura participativa na década de 60; Usina CTAH escritório que atua nos movimentos populares e mutirões; O coletivo interdisciplinar Goma Oficina com projetos que mesclam arquitetura, educação e intervenções artísticas.

O escritório Usina CTAH (Centro de Trabalhos para o Ambiente Habitado) que trabalha com os chamados mutirões e outros movimentos populares é formado por profissionais de diversas áreas dispostos a auxiliar movimentos populares a se capacitarem em processos de planejar, projetar e construir suas próprias habitações.

> "A Usina já participou da concepção e execução de mais de 5.000 unidades habitacionais, além de centros comunitários, escolas e creches em diversas cidades e em assentamentos rurais, principalmente nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Também atuou no desenvolvimento de planos urbanísticos, projetos de urbanização de favelas e auxiliou a formação e organização de cooperativas de trabalho." (Sobre a Empresa: USINA ctah, c2020)

O coletivo traz os futuros moradores para a participação ativa em todas as etapas de projeto, pois uma das intenções do grupo é de ultrapassar a produção puramente comercial da arquitetura e do urbanismo através de processos alternativos à lógica do capital com experimentações técnicas, sociais e estéticas anti-hegemônicas. Vale destacar que o escritório brasileiro é composto por vários profissionais e a própria formação de um grupo de trabalho é uma validação da cooperação e consequentemente uma espécie de trabalho coletivo.

Um outro exemplo de trabalho coletivo aliado à arquitetura é o trabalho que o coletivo interdisciplinar Goma Oficina realiza, composto por arquitetos, designers, fotógrafos, produtores e educadores, além de considerável lista de colaboradores que já participaram de alguma forma, atuando em São Paulo capital.

A própria formação do grupo já possui o viés do trabalho coletivo, um grupo pluralizado, aliado à área de trabalho deles, que consiste em projetos de intervenção, pesquisa, exposição, oficinas e educação. Eles apresentam uma outra perspectiva de interação entre os profissionais e o público.

Palestras e oficinas foram ministradas pelo coletivo diversas vezes e nestes projetos é muito recorrente a questão da participação e interação com pessoas de fora do grupo, o público, na intenção de promover uma troca de conhecimentos e experiência a partir destes exercícios.

Entre os exercícios, um exemplo a se destacar foi: Fogueira | oficina de estruturas nômades. Esta oficina em parceria com o Diretório Acadêmico da Faculdade de Arquitetura Mackenzie (DAFAM) consistiu em uma intervenção na Praça Rotary em São Paulo. Uma construção de uma estrutura que criasse um espaço temporário na praça e a importância desse espaço desde seu processo de criação até sua utilização e finalmente a desmontagem.

> "Um dos objetivos da oficina era a de efetivar uma intervenção no espaço público, ressaltando a importância colaboração e da prática na construção dos significados na arquitetura. Para efetivarmos esse objetivo já havíamos preparado o projeto para um lugar específico, dialogado com a biblioteca e consultados usuários da praça, principalmente o grupo de *Tai Chi Chuan*, que utilizava aquele local específico para sua prática matinal. A experiência proposta era portanto, não do campo projetual e conceitual mas sim da prática." (Descrição da oficina no site do coletivo Goma Oficina, disponível em: https://gomaoficina.com/projetos/fogueira-oficina-de-estruturas-nomades/)



Figura 02:
Oficina Fogueira

Fonte: Site do
Goma Oficina



Esta atividade quis abordar alguns conceitos da arquitetura e a vida na cidade, contudo fica o destaque para a prática e execução que a todo momento evidenciava a colaboração, trabalho em equipe, a criação de vínculos entre os participantes e deles com a obra e a praça, um exercício no qual um dos objetivos era a construção dessas relações, a comunicação entre as partes, o comportamento, etc. Mostra-se outra vez a aplicabilidade da arquitetura e urbanismo a partir das relações sociais e afetivas, como a amizade.

Fica então estabelecido algumas formas de se aplicar o trabalho coletivo. Mesmo sendo diferentes elas apresentam um motivo em comum: as relações humanas. Estas que cooperam entre si em um ambiente laboral a fim de obter resultados positivos para todas as partes.

É perceptível que esses exemplos poderiam contribuir para explicitar tanto as noções de laços do grupo com a comunidade assim como também dentro do próprio escritório com o grupo de arquitetos. E esses são exemplos para a atuação do grupo em diversas frentes de ação – seja através da divulgação da cultura com a organização de exposições, oferta de cursos formadores como fotografia, maquetes, cerâmica, etc. Nos espaços destinados as oficinas; seja também com seus projetos particulares para clientes de diversos tipos – das casas em condomínio até ações em colaboração aos mutirões.

A composição do grupo lembra os fundamentos das guildas medievais, profissionais da mesma área que se unem para promover a profissão, e das oficinas do século XVIII e XIX, com o objetivo de exercitar a cooperação com práticas profissionais e educacionais. Portanto, estas são as premissas que guiam o desenvolvimento desse trabalho, pautado nos resultados das interações e relações dos laços sociais.

CARACTERIZAÇÃO

Ato, processo ou efeito de caracterizar(-se);[2] Descrever, notando as propriedades características de (alguém, algo ou si próprio); descrever, distinguir, salientar.[3]

OS ESPAÇOS DE TRABALHO E AS FORMAS DE TRABALHO

Todo o funcionamento da proposta deste trabalho depende fortemente de como se estabelecerá o espaço e a forma de trabalho para os profissionais integrantes, pois influenciará diretamente na dinâmica entre estes e na gerência de todo espaço.

É de suma importância elucidar, através de exemplos e comentários, nos parágrafos seguintes como funcionava ou ainda funciona alguns espaços de trabalho, entre estes, até algumas firmas de arquitetura, a fim de se ter estudos de caso para crítica ou mesmo um ideal a se seguir. O processo da organização do espaço de trabalho está intimamente ligado com o próprio processo de produção e econômico vigente na sociedade.

Tendo em vista o cenário europeu, então berço da industrialização, é possível fazer conjecturas sobre estes processos. Entre os séculos XVI e XIX ocorre alguns processos de êxodos rurais na Europa, que alguns sociólogos, como Mendels (1972), chamam de “protodindustrialização” que seria o período pré-industrial fabril, neste tempo destaca-se as “indústrias domésticas rurais” que nada mais são do que famílias da zona rural se sustentando através de alguma atividade agrícola ou artesanal, algo possível no meio inserido.

---

[2] CARACTERIZAÇÃO. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2020. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caracteriza%C3%A7%C3%A3o/ . Acesso em: 09/10/2020.

[3] CARACTERIZAR. In: MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2020. Disponível em: < https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/caracterizar/> . Acesso em: 09/10/2020.

Estas se organizavam entre o núcleo familiar no qual cada integrante exercia alguma função, a princípio para o autossustento; As crianças realizavam tarefas domésticas, como ajudar na colheita ou cuidar dos animais, seguiam os pais a fim de aprender para quando adultos estarem aptos a contribuir mais, as mulheres ocupavam-se em produzir tecidos e leite (TILLY e SCOTT, 1987), enfim, não dependiam de um mercado, as atividades tinham fim em si, tudo se concentrava ali naquela propriedade familiar como destaca Mumford: "os membros comiam juntos à mesma mesa, trabalhavam nas mesmas salas, dormiam no mesmo salão comum, convertido à noite em dormitório, juntavam-se às orações de família, participavam das diversões comuns" (MUMFORD, 1998, p.307).

Entretanto, as famílias começam então, sob a influência da nova economia capitalista inserida, a produzir para o mercado externo, o que muda a configuração do espaço de trabalho, há uma hierarquização vertical ditada pelos lucros substituindo a horizontal de subsistência. A figura do mercador, o arauto do capitalismo, quem causa essas mudanças, que deixa de apenas circular as mercadorias e passa a ser um "investidor", com o acúmulo de capital obtido passa a comprar matéria prima e fornecer a estas "indústrias familiares" a fim de comprar posteriormente o produto acabado (ZERLOTINI DA SILVA, 2014).

Neste momento das "primeira indústrias" a forma de trabalho vigente é classificada por Marx (2010) como "cooperação simples", que consiste no apoderamento por parte do mercador/ capitalista sobre a pequena produção, no qual esse começa a explorar um número mais ou menos considerável de trabalhadores assalariados que exercem o mesmo tipo de trabalho. A "cooperação simples" vem para substituir a pequena produção mercantil, aquela de subsistência. O papel importante dessa cooperação é que com ela permite-se a realização do trabalho simultâneo em grande espaço, como em um canteiro de obra, e a maximização da produção, pois, dez homens produzem mais durante um dia do que dez homens trabalhando separadamente.

Posteriormente, no período das fábricas, século XIX, o espaço de trabalho e a relação de trabalho coletivo torna a se adaptar conforme o sistema capital, novos instrumentos gerenciais surgem, a aglomeração de vários trabalhadores em um espaço delimitado e particularizado, a fábrica, visa um melhor controle da produção, pois tanto o produto quanto o trabalhador estão sob "os olhos" do gerente. Além da gerência, a estratificação e especialização das tarefas em conjunto com as ferramentas especializadas tem o mesmo intuito, aumentar a produção e intensificar o controle, desfazendo-se da antiga forma do trabalho doméstico, aquele do mestre que domina todas as etapas e repassa a seus aprendizes. Este novo regimento é classificado por Marx (2010) como "manufatura".

Deixando o cenário fabril, no fim do século XIX os edifícios de escritórios eram simples e pouco numerosos já que nos países desenvolvidos o setor industrial era o mais representativo da economia. Este setor no início do século XX cresce mais ainda e demanda variados tipos de serviços para assisti-lo, o que ocasiona no crescimento do setor terciário e consequentemente os edifícios de escritórios.

> "[...] o setor industrial em grande expansão passa a demandar não só um terciário de suporte formado por instituições financeiras, seguradoras, empresas do setor de transporte, postagem, mas também escritórios de contabilidade, advocacia, entre outros, dando origem às grandes corporações." (ANDRADE, 2007, p. 39)

Pautado em cima do "Taylorismo", uma teoria administrativa que tem como princípio extrair o máximo aproveitamento do trabalho a partir do rígido controle do tempo e dos movimentos laborais, surge no início do século XX o modelo de ocupação de escritório *Bullpen* devido ao aumento das empresas e dos funcionários, logo exige mais controle pelos superiores.

Neste modelo a hierarquia do trabalho era disposta no edifício também de maneira vertical, com os chefes ocupando os andares mais altos, como salas grandes e fechadas, nos andares inferiores se distribuía o restante dos funcionários cada qual relacionado ao seu escalão, sempre nessa relação de que o que está nível acima coordena o que está nível abaixo. No térreo, um salão aberto com várias mesas dispostas lado a lado ocupando todo o piso, como se fosse uma linha de montagem, executando o trabalho de maneira coordenada e racionalizada.

O layout era pensado de maneira a favorecer o fluxo da produção ou do andamento do serviço, para não haver desperdício e atrasos. Quanto mais padronizado mais eficiente, assim estudos eram elaborados e os postos de trabalhos eram planejados a partir de cada função, o que definia como deveria ser o espaço adequado, tamanho e tipo do mobiliário, acesso à outras partes do edifício, necessidade de comunicação com outros funcionários, etc. Até mesmo o tempo e a distância de deslocamento dos funcionários eram considerados para definir onde seriam as áreas de trabalho e instalações sanitárias.



Figura 03: Bullpen office

Fonte: < https://www.mattblodgett.com/2015/02/the-open-plan-office-and-extrovert-ideal.html>
Acesso: 01/06/2021

Utilizando-se dos parâmetros da divisão do trabalho taylorista e juntando à mecanização, Henry Ford cria um novo modelo de produção, o "Fordismo". Em suas fábricas, Ford continuou com os nichos de funcionários, cada um com uma função específica, controle dos funcionários e da produção e para otimização desta implementou a esteira rolante na linha de montagem, artifício fortemente direcionado à economia de escala.

O "Fordismo" passa então a ser o modelo industrial vigente, proporcionando crescimento à esse setor em todo o mundo, entretanto, mesmo sendo uma espécie de continuidade do "Taylorismo", nos prédios corporativos dominava ainda o pensamento taylorista.

O estilo *Bullpen* era difundido nos Estados Unidos, mas na Europa era mais comum salas fechadas para uma porção reduzida de trabalhadores. Este modelo estadunidense baseado nas ideias taylorista e fordistas encontrou um impasse com os teóricos humanistas, que defendiam melhores relações para os trabalhadores, pois o sistema de produção em massa alienava e controlava os funcionários. "A administração humanista pregava como princípio que os homens de negócios deveriam de um modo geral, tratar seus empregados como seres humanos, e não como máquinas." (ANDRADE, 2007, p. 44)

Após a Segunda Guerra Mundial as empresas buscaram descentralização, flexibilização e maio valorização do funcionário, pois entenderam que um funcionário mais contente e valorizado aumentaria a produção. Nasce então na Alemanha na década de 50, contrapondo o estilo *Bullpen*, o conceito do Escritório Panorâmico ou *Landscape Office* idealizado pelos irmãos Eberhard e Wolfgang Schenelle. Este novo conceito acaba com as salas fechadas, bastante comuns na Europa, a fim de eliminar as barreiras físicas que isolavam as pessoas uma das outras e limitava a comunicação.

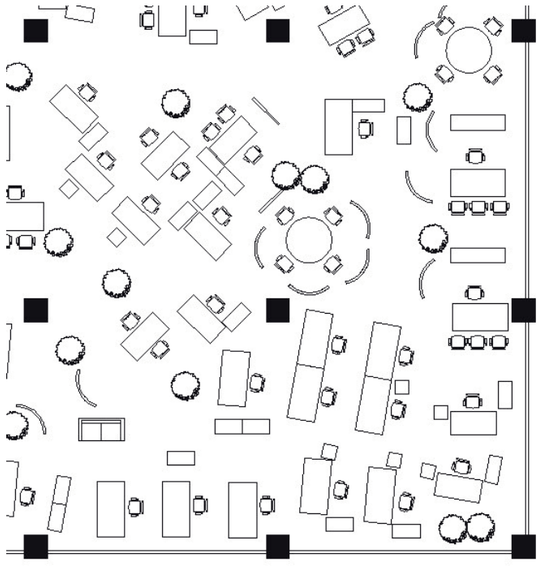


Figura 04: Planta Landscape office

Fonte: < https://medium.com/interact-software/b%C3%BCrolandschaft-how-the-way-we-work-has-shaped-the-office-e360a53f25e1>

Acesso: 01/06/2021

O layout distribuído em uma planta livre se tornou mais orgânico sem a interferência de paredes ou divisórias e seguia a geometria dos fluxos e da comunicação. Foi introduzido também as *lounge áreas*, salas de estar dos funcionários para melhor acomodação e contato entre eles, uma maneira de eliminar as barreiras invisíveis através de uma melhor socialização. Outra característica foi a utilização de decoração e plantas ornamentais para tornar o ambiente mais informal.

> "As necessidades de contato visual, ou comunicação entre as áreas, os fluxos administrativos-operacionais e todos esses aspectos relacionados ao processo de trabalho passaram a ser valorizados. Os gerentes ficavam mais acessíveis, os grupos de trabalho eram dispostos em lugares mais reservados e as mudanças eram facilitadas para atender aos ajustes nos fluxos de trabalho." (ANDRADE, 2007, p. 45)

Enquanto o conceito do escritório panorâmico se difundiu pela Alemanha e outros países europeus, nos Estados Unidos não foi tão bem recebido, os norte americanos encontraram pontos negativos nessa forma de organização e então adaptaram para seu próprio estilo, escolheram manter a rigidez da planta do *Bullpen*, porém investiram no mobiliário flexível e na decoração do ambiente.

Conforme as décadas se passam o sistema econômico se altera e modula novos espaços e novas formas de trabalhar. Em um recorte mais moderno, mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, os japoneses colocam em prática o "Toyotismo" em sua ilha, este futuramente virá a ser um modelo a ser seguido e a partir dele, assim como foram com vários outros, mais sistemas irão surgir ou adapta-lo.

Destaca-se no "Toyotismo" o modelo *just in time*, traduz-se no acerto entre o fornecimento de matéria prima, a produção e a venda, o que significa uma produção altamente controlada para não haver excedentes de produto, excesso de matéria-prima e mão de obra ociosa. Também é valido destacar o retorno ao grupo especializado de trabalhadores que devem ser capacitados para compreender e executar todos os processos, esta multifuncionalidade concomitantemente com a crescente era da informação e telecomunicações pôde proporcionar uma drástica mudança, aumenta-se a demanda pelo setor de serviços (terciários) e as indústrias, agora empresas, se ramificam geograficamente (produção onde há mão de obra mais barata e venda onde há mais consumidores) e até virtualmente (*home office* e trabalhadores autônomos) alterando mais uma vez o espaço de trabalho.

Parte de todo esse processo toyotista está no seu foco da produção altamente eficiente e no consumido final, respondendo as expectativas do cliente e também do funcionário qualificado e valorizado. Este funcionário de nível técnico que não frequenta somente a fábrica, mas também o escritório em conjunto com um setor terciário em expansão demanda mais espaço. Neste contexto nasce ao fim da década de 1960 o *Open Plan* ou escritório de Planta Livre com a fabricante de móveis norte americana Herman Miller.

A empresa lança no mercado um mobiliário de escritório pensado para ser mais dinâmico e flexível e ao mesmo tempo torna-se os postos de trabalhos mais compactos e funcionais sem comprometer o conforto dos usuários. A linha se chama Action Office System e a inovação que ela traz é nos biombos que deixam de ser um mero divisor de ambientes e se torna parte estrutural de todo o mobiliário possibilitando a verticalização dos componentes como mesa, armários, prateleiras, iluminação, etc, fica estabelecido a partir deste novo tipo de mobiliário o conceito das estações de trabalho.



Figura 05: Herman Miller Action Office System

Fonte: Site Herman Miller <https://www.hermanmiller.com/pt_br/products/workspaces/workstations/action-office-system/design-story/>

Acesso: 01/06/2021

Os biombos se tornam o elemento que configura as estações de trabalho que se tornaram "baias" de cerca de 160 cm de altura, logo quem os ocupa passam a ser o foco, a hierarquia, a quantidade de pessoas e equipamentos em uma estação de trabalho dita o tamanho dessas estações e consequentemente o layout, este com traços menos orgânicos em contraposição do apresentado no *Landscape Office* cujo layout era definido a partir dos fluxos de comunicação e processos. Os escritórios continuam sob essa nova ótica e adaptando-a para diferentes situações até o final do século XX.

A partir da década de 1980, em um cenário de crise econômica nos países da América e ao mesmo tempo dos avanços tecnológicos na área de telecomunicação, as empresas passam por um novo processo de reestruturação, sua organização se torna mais complexa, os processos se tornam mais terceirizados e a gerência mais diluída entre os funcionários, ou seja, ramificando fisicamente e organizacionalmente a empresa.

É possível separar em dois grupos estas novas empresas reestruturadas: escritórios territoriais e não-territoriais. O que os difere principalmente é que enquanto no territorial haverá uma estação de trabalho para cada funcionário e no não-territorial estas estações podem ser compartilhadas.

Os escritórios territoriais são categorizados em três tipos de layout: escritório aberto, aberto/ fechado e completamente fechado. Os escritórios abertos são uma dissidência do Escritório de Planta Livre, apresentam um layout mais aberto, sem vedos, com estações de trabalho distribuídas ao longo do pavimento estando todos juntos ou até em grupos menores, mas mesmo assim em planta livre.

Já os fechados possuem todo seu espaço compartimentado por paredes ou divisórias que permitem maior privacidade e bom desempenho acústico. Entretanto este espaço mais particular, obviamente dificulta os processos de comunicação, interação e sinergia entre as partes, logo este modelo é mais indicado para atividades que exigem maior concentração, como pesquisa, advocacia, estudos, entre outros.

O terceiro tipo, escritório aberto/ fechado, como o próprio nome sugere é uma combinação dos outros dois, no qual em uma planta encontra-se distribuídos salas fechadas e estações de trabalho em área aberta. Pode-se ainda dizer que há dois tipos de configurações para este layout: hierárquico e humanizado. No hierárquico as salas fechadas estão na periferia do pavimento com vista para o exterior e sendo ocupada pelos cargos de chefia enquanto os funcionários ordinários estão na área aberta ao centro. No tipo humanizado as estações de trabalho ficam na periferia, já que são o maior contingente de trabalhadores, e as salas fechadas das chefias ficam ao centro da planta, já que estão em menor número não têm prioridade de boa locação.

Os escritórios não-territoriais foram difundidos graças a premissa de um mundo sem barreiras proporcionado pela globalização e facilidade da telecomunicação, como o fax, a internet, o *laptop* e os celulares. Durante o período de reestruturação das empresas nota-se que algumas atividades poderiam ser feitas remotamente e que as áreas que estas ocupavam poderiam ser melhor aproveitadas.

> "Partindo do entendimento de que determinados profissionais, tais como consultores, gerentes de vendas e alguns executivos, passam boa parte de sua jornada fora do escritório, deixando, enquanto isso, suas estações de trabalho ociosas, surge uma série de conceitos de ocupação denominados 'Escritórios Não-Territoriais' (Non Territorial Offices) ou 'Escirtórios alternativos' (Alternative Officing)." (ANDRADE, 2007, p. 66)

Logo a estação de trabalho única passa a ser desnecessária, os equipamentos permitem mobilidade, comunicação rápida e distante, ou seja, há maior flexibilidade para escolher onde trabalhar, em casa ou em qualquer lugar da empresa. Neste conceito há quatro categorias: *Home Office, Hotelings, Free Address e Red Carpet Club.*

O *Home Office* nada mais é que a transferência de parte do contingente dos trabalhadores da empresa para suas respectivas casas e exercerem suas funções de lá, já que com as novas tecnologias este tipo de serviço estava mais facilitado para ser feito longe da matriz. Apresentou no início vários pontos negativos, pois a novidade gerou dificuldades no estabelecimento dos funcionários em relação a espaço e mobiliário adequado em casa, horários desregulados, conflitos domésticos, transtornos psicológicos, entre outros.

Na tentativa de aperfeiçoar o *Home Office* mudanças foram feitas, diminuindo a quantidade de dias que o funcionário ficaria em casa e nos outros dias este frequentaria um escritório satélite ou até mesmo um espaço reservado na sede para dar continuidade no trabalho ou realizar uma reunião.

O *Hoteling* surge dessa necessidade do funcionário, neste caso da alta gerência, de ter uma base em que possa operar em qualquer uma de suas viagens pelas filiais da empresa. O nome remete ao serviço que hotéis oferecem, faz-se uma reserva com o recepcionista de uma sala fechada que fica à disposição e está equipada com o necessário para o atendimento de colegas e clientes.

O *Free Address* é o contrário, as empresas tinham uma área com várias estações de trabalho abertas e disponíveis para quem estivesse de passagem, em alguns casos poderia ser reservada com antecedência. A rotatividade de usuários na mesma estação comprova que reduzir o número de funcionários fixos tinha efetividade.

O *Red Carpet Club* é uma mistura dos dois anteriores e está destinado aos funcionários que passam maior parte do tempo trabalhando fora, mas no meio tempo precisam ir à sede uma ou várias vezes para realizar alguma atividade, como atendimento, prestação de conta, intervalo, entre outros. Este tipo de layout agregava a recepção e as salas privadas do *Hoteling*, porém terá áreas abertas com estações de trabalho do *Free Address*, além de um espaço de uso comum para convívio social como uma lanchonete ou cafeteria e sala de estar.
Atualmente a busca por ambientes de trabalho mais eficientes continua, as tecnologias e os equipamentos evoluíram, o mobiliário é projetado pensando na qualidade de uso do usuário, os novos acabamentos seguem a rigor protocolos e normas técnicas para melhor desempenho, tendo como justificativa o meio ambiente, a saúde, a eficácia, entre outros.

A melhoria no sistema educacional proporcionou um aumento da classe trabalhadora além de um refinamento para o conhecimento técnico-científico, o que significa um aumento no valor agregado de uma empresa. Isso faz com que surjam novos modelos organizacionais e novos métodos gerenciais, a estrutura hierárquica do século XX já não cabe no contexto atual.

> "A visão da chefia como agente de controle e a rigidez de horário, ainda existente em muitas empresas, aos poucos vêm sendo substituídas por uma estrutura organizacional baseada na responsabilidade, nos resultados obtidos, na capacitação técnica e no nível gerencial de seus funcionários." (ANDRADE, 2007, p. 89)

No ambiente pós industrial muitos aspectos contrapostos: a atividade individual e repetitiva se torna criativa e participativa; a empresa deixa de operar de maneira simplificada e passa a ser multifuncional; a hierarquia centralizada dá espaço à participação e integração. Fica claro que nos séculos anteriores o desenho dos ambientes de trabalho foi utilizado para refletir o poder e a hierarquia que há dentro das empresas e difundir toda sua reputação e credibilidade para o mercado.

> "O edifício e sua qualidade, sua condição de ícone do mercado imobiliário em determinado setor, agregados à sua localização, eram suficientes para criar a credibilidade para a empresa[...] No entanto, essa cultura autoritária e a rigidez refletida no ambiente de trabalho, hoje, constituem um anacronismo, não sendo mais compatíveis com as novas estratégias de negócios das empresas e muito menos com uma sociedade pós industrial." (ANDRADE, 2007, p. 90)

O ambiente de escritório do século XXI continua com a foco na eficiência e na produtividade, a mesma finalidade do século passado, entretanto, muda-se os meios, pois a partir do momento que se entende que a atividade de escritório está cada vez mais de base intelectual não há porquê manter as antigas formas de se projetar e organizar estes espaços. O novo jeito pede atividades grupais, colaboração entre os setores, valorização de resultados produzidos e menos atenção aos cargos dentro da firma, suporte e conforto para os funcionários, infraestrutura capaz de suprir as demandas do usuário onde quer que ele deseje trabalhar.

As tendências em relação ao desenho de espaços de escritório acompanham as atuais pautas mundiais: a tecnologia segue evoluindo em ritmo acelerado, logo o que se espera é o aperfeiçoamento dos equipamentos e das formas de comunicação conhecidas e até mesmo inovações até então inimagináveis, quanto as características espera-se foco na construção de relações sociais mais humanizadas, ambientes salubres e confortáveis conforme as normativas ambientais, espaço mais compactos e flexíveis devido ao contingente de trabalho flutuante.

> "Ao longo dos últimos 100 anos, a evolução dos conceitos de ocupação passou por dois momentos de quebra de paradigma. O primeiro se deu após a Segunda Guerra Mundial, quando o *Landscape Office* veio quebrar a hegemonia do taylorismo no ambiente de trabalho, tornando-o mais orgânico, menos hierarquizado e mais humano. O segundo momento iniciou-se na década de 1990, com a criação do conceito de escritórios Não-Territoriais e se estende até os dias de hoje, quando as exigências de um trabalho de base intelectual e a mobilidade das pessoas no trabalho fazem do escritório cada vez mais um ambiente dinâmico, inspirador e voltado para as relações sociais." (ANDRADE, 2007, p. 93)

Como visto, o desenho do espaço está intimamente ligado a forma de pensar das empresas, ao modelo econômico vigente, as tecnologias disponíveis, logo o Arquiteto é a figura responsável por traduzir na forma de projeto essas diretrizes. A seguir, alguns exemplos de espaços de trabalho de diferentes épocas e nacionalidades.

No século XVIII, entre 1773 e 1779, Claude-Nicolas Ledoux projeta uma fábrica de sal em Arc-et-Senans, França, por encomenda do Rei Luiz XV, esta que é o primeiro espaço especializado para a produção mencionado pela historiografia arquitetônica. O sal era um material de grande valor econômico e isto é relevante no projeto, pois a construção da fábrica se justifica pela economia para atender à demanda da monarquia.



Figura 06: Fábrica de sal atualmente

Fonte: Pinterest

Este projeto possui pontos notáveis na sua tipologia arquitetônica que se repetiram posteriormente no movimento moderno além de validar as questões sociais do controle dos líderes sob a produção e os produtores. Dos pontos notáveis:

> A fábrica de sal semicircular (que ele transformou no centro oval de sua cidade) pode ser vista como um dos primeiros experimentos de arquitetura industrial, já que integrou conscientemente unidades produtivas e alojamentos operários. Cada elemento desse complexo fisiocrático era representado em conformidade com seu caráter. Assim, os galpões para a evaporação do sal situados no eixo tinham o teto alto, como os edifícios agrícolas, e seu acabamento era de pedras lisas, como adornos rústicos, enquanto a casa do diretor, situada no centro, tinha teto baixo e frontões, era toda de pedra bruta e embelezada com pórticos clássicos. Aqui e ali as paredes dos galpões de sal e das casas de operários eram realçadas com "goteiras" grotescas de água petrificada, que não só simbolizavam a solução salina em que se baseava a empresa, mas sugeriam também que o sistema produtivo e a força de trabalho eram fatores do mesmo processo (Frampton, 2008, p.7).

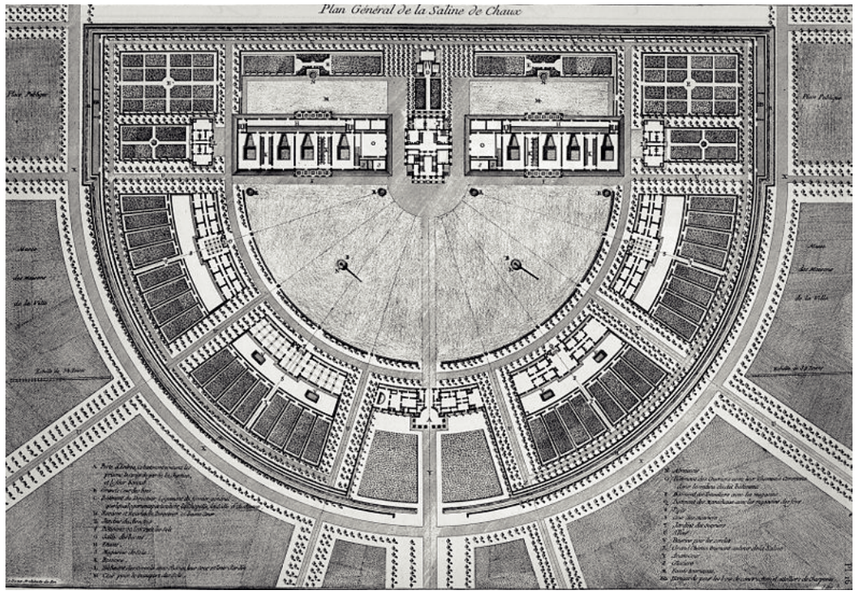


Figura 07: Implantação da fábrica de sal

Fonte: Wikipedia

A implantação da fábrica foi projetada de forma que espelha as relações hierárquicas de produção, na forma semicircular as residências dos trabalhadores estão na periferia e casa do diretor na parte central, todas dispostas para o centro onde está a fábrica. Nota-se que Ledoux aproxima o trabalhador do trabalho ao máximo quando coloca os alojamentos circundando a fábrica, para ficar claro a relação da dependência do indivíduo com o trabalho e foco na alta produtividade, já que o caminho percorrido é curto e os olhos sempre voltados ao centro, a vida se torna trabalho.

Uma figura de suma importância para este cenário é Henry Ford, fundador da *Ford Motor Company*, que implementou o sistema de montagem em série com as esteiras rolantes, produção em massa, padronização dos processos e baixo custo em 1914, o que é chamado de "fordismo" pela literatura acadêmica. Mais uma vez, o espaço de trabalho está atrelado à produção, à economia, então, para pôr em prática e aprimorar este sistema é necessário que o espaço esteja adequado para este tipo de implementação, nesta fase é que entra a figura do arquiteto.

Para alinhar o planejamento da produção com o planejamento do espaço, Ford contrata Albert Kahn, considerado o maior arquiteto industrial estadunidense de sua época. Para maximizar sua produção e imaginando um futuro triunfante, Ford descreve para Kahn como funciona a fábrica e como ele a imagina crescendo conforme a produção aumenta, algumas das diretrizes, que perpetuam até hoje, são: espaço limpo, luminoso e bem ventilado (Ford apud Behne, 1994).





Figura 08 - Fábrica Ford – Highland Park
Fonte: Pinterest

Para conceber um projeto de acordo com a vontade de Henry Ford, em 1908 Kahn, que já estava familiarizado com projetos de fábrica, utiliza de concreto armado e grandes vãos para dar a flexibilidade desejada tanto na organização dos espaços internos tanto para futuras expansões, técnica esta largamente utilizada até os dias atuais, emprega também grandes cortinas de vidro nas fachadas e as instalações sanitárias e demais auxiliares se encontravam ao lado de fora do galpão.

Concomitantemente a Albert Kahn, em 1907 na Alemanha, o arquiteto e designer Peter Behrens é contratado por uma grande empresa eletrotécnica chamada AEG como consultor. Behrens realiza grandes coisas pela AEG, entre elas: peças gráficas para criar a identidade corporativa da empresa, padronização, e a lâmpada de arco econômica, considerada o primeiro produto industrial produzido em massa (PEVSNER. 2001).

Behrens, já totalmente inserido na empresa e conhecedor do processo fabril, projeta a nova fábrica de turbinas da AEG, um edifício em aço e vidro executado em 1908 e em 1920 ele aponta instruções de como deve ser uma arquitetura industrial bem parecidas com aquelas mostrada por Ford e desenhadas por Kahn: a lógica de organização do espaço tem que favorecer a lógica da produção; espaços amplos para o transporte do produto pela fábrica e bem iluminados (PEVSNER, 2001). Em vista disso, é um dos pioneiros do Movimento Moderno a utilizar os princípios de “planta livre” e “fachada livre”.

Vale lembrar que estes princípios foram empregados em outra fábrica alemã, a Fagus, por Walter Gropius, pupilo de Behrens, em 1910 o que resume bem a arquitetura industrial difundida por Behrens (PEVSNER, 2001). Gropius tem um papel importante sobre como é construída a ideia no do arquiteto como projetista e detentor dos saberes, pois em 1919 funda a Bauhaus e sua pedagogia consistia no ensino da arte a partir do método racional de formação técnica.



Figura 09 –
Escola Bauhaus
atualmente

Fonte: Archdaily

Gropius tenta resgatar a ideia dos coletivos de artesãos que haviam acabado devido as novas tecnologias industriais ao capacitar um aluno de belas artes a conhecer a produção mecanizada e também a atividade prática, ser artesão e desenhista ao mesmo tempo. Este aluno que também é um trabalhador passa a deter formação técnica e torna-se um arquiteto, aquele que conhece profundamente todas as etapas a ponto de conseguir projetar o todo, colocando-o em um novo patamar na hierarquia social (GROPIUS, 2004).

Le Corbusier divulga em 1923 no seu livro “Por uma arquitetura” o seguinte anunciado: “a casa é uma máquina de morar”. A mensagem significa, a partir de uma análise da arquitetura industrial, que os preceitos desta: formas simples, materiais aparentes, espaços organizados e funcionais; aliado com a mentalidade do capitalismo e tudo que ele traz junto, são o caminho para a nova arquitetura doméstica.

Fica evidente que a arquitetura moderna é pautada nesta linguagem industrial, os profissionais da área buscam nesse plano de industrialização e no saber técnico as primeiras diretrizes do Movimento Moderno. A racionalidade produtivista comanda os projetos, a “funcionalidade” é a premissa mor, segmentasse a cidade em quatro funções básicas: moradia, trabalho, lazer e circulação; conforme a Carta de Atenas de 1933 escrita por Le Corbusier no IV Congresso Internacional da Arquitetura Moderna (CIAM).

Saindo das fábricas e indo para o escritórios, Frank Lloyd Wright projetou dois ambientes de trabalho corporativo nos Estados Unidos, que aplicam as teorias tayloristas no projeto e no funcionamento do prédio, que apesar de não muito distantes na linha do tempo e serem do mesmo autor se diferem em algumas diretrizes projetuais, essas que vão além do puro materialismo e funcionalidade.

Em 1904 nasce o Larkin Building em Buffalo, Nova Iorque a pedido da *Larkin Soap Company*, uma empresa que vendia sabão e precisava de uma sede para conduzir suas operações de mala direta. O serviço requeria várias pessoas trabalhando em várias funções, que foram locadas em cinco andares: os trabalhadores de baixo calão no primeiro andar ao centro do átrio e a cada andar acima uma espécie de galeria aberta em torno do átrio banhado por iluminação direta para acomodação dos demais trabalhadores de níveis hierárquicos maior olhando para baixo, observando e mantendo o controle, tudo isso em um espaço comum setorizado basicamente pelo mobiliário e parte importante da decoração eram as palavras inspiradoras e edificantes por todos os cantos como: “Inteligência, Entusiasmo, Controle”.



Figura 10: Larking Building
Fonte: Pinterest

A forma como é distribuído o programa confirma, novamente, a relação de submissão do trabalhador para com o ambiente, os gerentes supervisionam os trabalhadores que estão ao centro do átrio no térreo aberto, a atenção está voltada para o térreo banhado pelo sol na perspectiva vertical enquanto na horizontal todos trabalham juntos em um ambiente aberto se comunicando, sob a disciplina do “patrão” literalmente cravada nas paredes com as palavras inspiradoras que motivam o trabalho duro. A plástica do edifício, uma massa sólida de alvenaria sobre estrutura metálica, ressaltava a altivez e solidez de como deveria ser um edifício como aquele, um representante da economia capitalista.

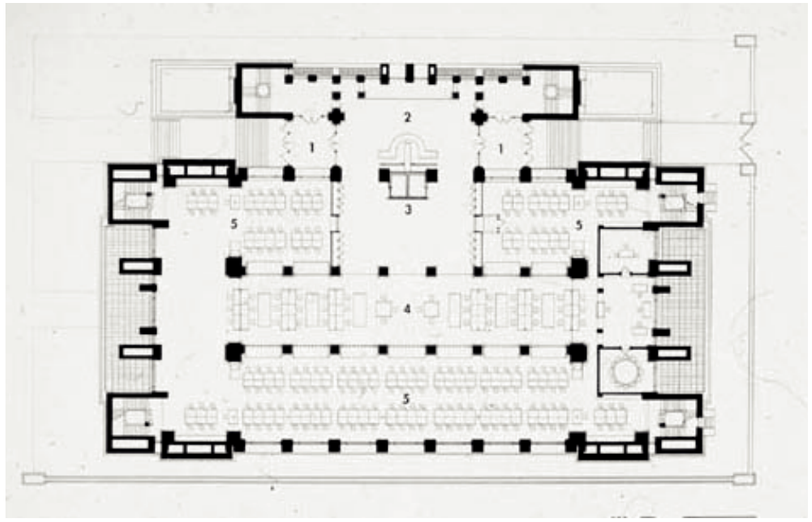


Figura 11: Planta térrea do Larking Building

Fonte: Pinterest

O segundo ambiente corporativo projetado por Wright é o *Johnson Wax Building*, encomendado pela companhia S.C. Johnson & Son para ser sua sede administrativa em Racine, Wisconsin em 1936. São 30 anos que separam as duas obras e ainda sob a luz das teorias tayloristas, agora mais brandas devido ao crescimento do movimento humanista no tratamento dos trabalhadores, há mudanças notáveis entre os dois edifícios.



Figura 12: Johnson Wax Building – Exterior

Fonte: franklloydwhright.org

A começar pela horizontalidade que contrapõe,aprimeiravista,averticalidade do primeiro edifício, no entanto, um grande espaço aberto se repete, mas dessa vez possibilitado pela enorme laje cogumelo iluminada proporcionando um pé direito alto evidenciando a diferença de escala quando se compara ao mobiliário e os humanos; os trabalhadores se encontram enfileirados neste grande espaço horizontal com suas mesas e arquivos alfanuméricos e a administração dessa vez está separada em um outro setor, uma nova tendência no mundo corporativo; A iluminação no teto retorna, mas de maneira diferente, quiçá, aprimorada, agora ela passa por tubos de luz e iluminam o ambiente de maneira mais "poética", fluida como água; a plástica deste edifício já não é massiva e sólida, traz movimento e leveza, novos materiais e técnicas construtivas reforçam a eficiência do ambiente corporativo, "fazer mais com menos"; As colunas em forma de árvore junto da iluminação natural do teto enaltece a conexão com a natureza, uma metáfora para que o ambiente de trabalho seja visto como belo e tranquilizador.

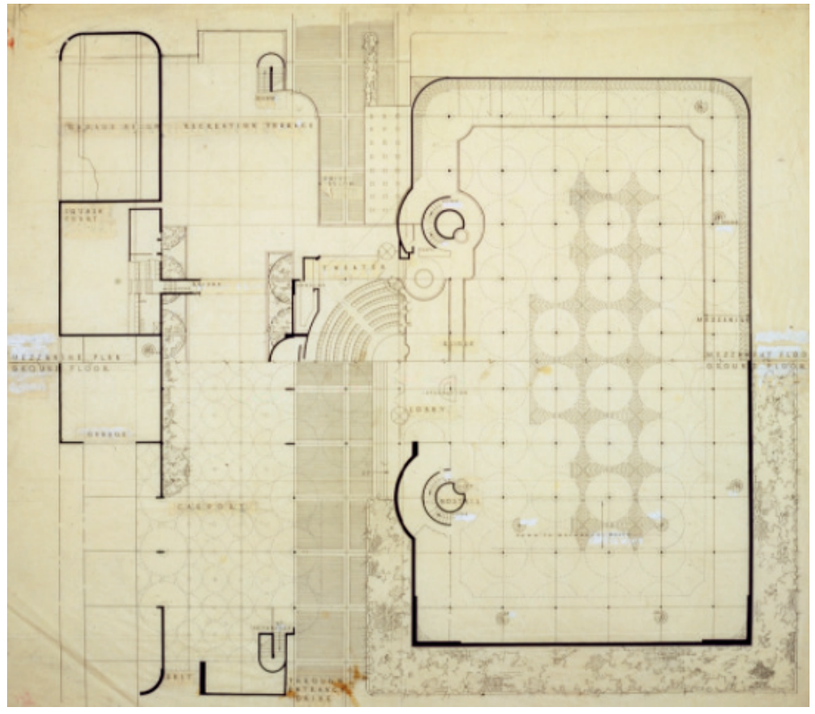


Figura 13: Johson Wax Building – Planta Térrea

Fonte: franklloydwhright.org



Figura 13: Johson Wax Building – Interior

Fonte: franklloydwhright.org

Atualmente somente o *Johnson Wax Building* existe e é patrimônio histórico dos Estados Unidos, o outro foi demolido na década de 50. É notável a capacidade que o arquiteto estadunidense tem para sintetizar as vontades de seus contratantes em uma arquitetura original, deixando claro aos entusiastas quem havia projetado, contrapondo o "estilo internacional" europeu. Entretanto, Wright está na mesma posição do arquiteto que Gropius prepara na escola Bauhaus, o profissional que detém o conhecimento capaz de projetar e ordenar um espaço do qual ele não irá fazer parte, para trabalhadores os quais ele não conhece a mando de quem detém o capital, e ele, assim como os outros antes dele e os outros que virão, faz isso de maneira brilhante.

Por outro lado, em 1972, é construído o conjunto de edifícios do Centraal Beheer, projeto do arquiteto holandês Herman Hertzbeger, um ambiente também corporativo conhecido pelo uso de computadores por parte dos trabalhadores. Para este conjunto de edifícios, o holandês utilizou-se de diretrizes contrárias à do funcionalismo modernista, aplicou uma arquitetura mais próxima da escala humana e com liberdade de adaptação por parte do usuário. Para Hertzbeger (1999), a planta livre e a flexibilidade tornam a arquitetura obsoleta e sem identidade, pois edifícios pautados nestas diretrizes têm de ser neutros, atemporais e trazem a sensação de que não há uma solução correta para o projeto.



Figura 15: Centraal Beheer – Interno

Fonte: Pinterest

O arquiteto sugere um layout com características de um *Landscape Office* com foco nos pequenos grupos de trabalho que ele chama de Forma Polivalente: “Em outras palavras, uma forma que se preste a diversos usos sem que ela própria tenha de sofrer mudanças, de maneira que uma flexibilidade mínima possa produzir uma solução ótima” (HERTZBEGER 1999, p. 147). Esta polivalência é explorada neste conjunto de edifícios através de algumas formas: na apropriação do espaço pelo trabalhador ao personalizar seu ambiente já que as paredes foram deixadas sem reboco propositalmente para este fim; a organização de cada módulo ficava por conta também de cada trabalhador; espaços e estruturas facilmente adaptáveis em caso de ajustes de pessoal e tamanho do departamento. Na figura abaixo é possível ver algumas possibilidades de layout em um mesmo módulo do edifício: há configurações de trabalho em muitas ou poucas pessoas; um banheiro; uma área de descanso; etc.

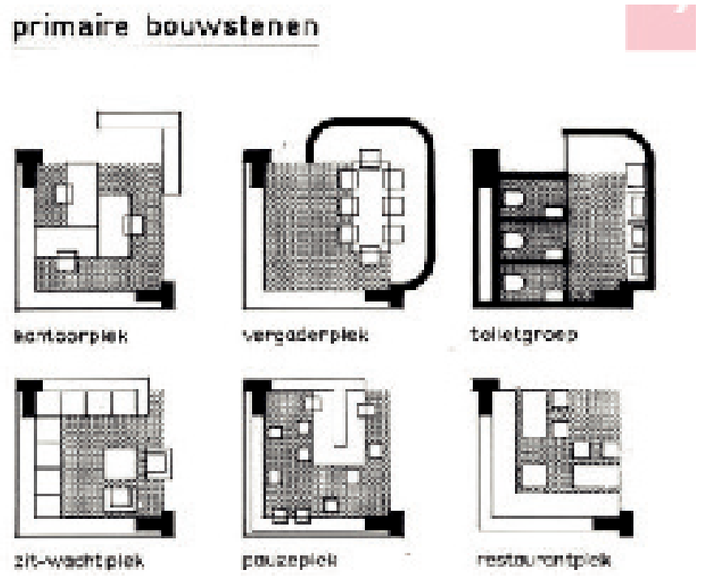


Figura 16: Esquema dos módulos do edifício

Fonte: dearchitect.nl

Mesmo com esta forma diferente de se projetar o espaço de trabalho, com uma participação do usuário, novamente se constata que o arquiteto é ordenador já que o próprio arquiteto holandês pressupõe que a forma ideal deve ser alcançada pelo profissional, a polivalência da forma é definida pelo arquiteto.

Atualmente as grandes empresas de desenvolvimento tecnológico e telecomunicações, como Apple e Google são conhecidas não só pelos avanços no campo em que se desenvolvem, mas também por suas políticas de trabalho e os espaços em que trabalham, grandes projetos arquitetônicos, chamaremos estas empresas de “indústrias criativas”.

Nas “indústrias criativas” seus campi são marcados por: transparência do interior dos edifícios, nada está oculto; harmonia entre a implantação do edifício com a natureza a fim de proporcionar paisagens agradáveis, além da veia da arquitetura sustentável; ambientes bem iluminados e com cores para que sejam convidativos; áreas coletivas predominam sobre áreas individuais, nessas o lazer e o descansar pode ser desfrutado; os locais de trabalho com decoração e mobiliário estimulante e criativo para instigar a mente criativa de seus trabalhadores.

Projetos como o campus Apple Park da Foster + Partners, os jardins nas Esferas da Amazon pelo NBBJ e o novo prédio do facebook, MPK 21 pela Gehry Partners são exemplos claros que carregam, se não todas, as características supracitadas. De fato, são grandes projetos, que apresentam com maestria domínio da técnica e criatividade que as novas tecnologias e mentes criativas podem proporcionar. Projetos como este escapam das formas tradicionais de escritório, sejam as baias individuais ou os amplos galpões sem identidade, e utilizam dos artifícios da a intervenção e apropriação dos usuários, desdobramentos que remetem à polivalência de Hertzbeger.



Figura 17: Centro de visitantes Apple Park

Fonte: Archdaily



Figura 18: Facebook MPK 21

Fonte: Archdaily

São “indústrias criativas” não só pelo ramo de atuação, mas também justamente porque fomentam a imaginação e o talento dos trabalhadores o tempo todo com um espaço flexível e mobiliário que incentiva a exploração, o design permite que o ambiente de trabalho se pareça com qualquer lugar, exceto o ambiente tradicional.

O caminho inverso também pode ser feito, qualquer lugar tem potencial para ser um escritório devido as facilidades atuais, a internet é a principal responsável por isso capaz de ser acessada por vários dispositivos em basicamente qualquer canto, o trabalho se estende a lanchonete, ao sofá, à escrivaninha do quarto, à biblioteca, etc., basta estar conectado.

No entanto, esta nova forma se mostra prejudicial em alguns aspectos, pois ao estender o trabalho para ambientes que antes não se ocupavam desta função o indivíduo está o tempo todo trabalhando ou criando, perde-se a noção entre onde começa e onde termina o labor. Logo, os trabalhadores autônomos, o arquiteto e urbanista pode se encaixar aqui, que se beneficiam muito do teletrabalho estão sujeitos a esta condição.

Agora, cabe uma análise sobre algumas firmas de arquitetura e o arquiteto na condição de usuário. Por um lado, há grandes escritórios internacionais com sedes e filais em vários países empregando de centenas até milhares de funcionários, como é o caso da Gensler, firma estadunidense fundada em 1965 e que de acordo com a WA 100 de 2019, uma pesquisa feita pela BDOnline sobre as maiores empresas do mundo, empregou 2627 arquitetos e teve uma receita acima de 700 milhões de dólares.

No caso da Gensler, a marca possui 49 escritórios ao redor do globo com estes milhares de profissionais do ramo, claramente uma única pessoa ou grupo de pessoas é incapaz de reger tudo isso, por isso a firma como uma multinacional passa a trabalhar sob um mote, um ideal, para que em todos os cantos onde estão instalados, apesar de diferentes regiões e culturas, haja algo em comum, algo original a marca.

O tamanho da Gensler e sua complexidade laboral permite com que esta firma aplique seu método de trabalho em diferentes níveis, desde bolsas escolares até programas de intercâmbio e recrutamento e treinamento de jovens talentos. Dentre estas outras frentes de trabalho hão algumas que acontecem junto da comunidade ou em prol dela, com a promoção de eventos ou parcerias com universidades locais, entre outras coisas.

Em relação à organização espacial, o escritório da Gensler em São Francisco pode ilustrar algumas características que se parecem com as das indústrias criativas citadas anteriormente e que vão se repetir em outros escritórios de arquitetura não só da mesma firma. Neste escritório da Califórnia de planta livre permitiu que o design de interiores executasse um ambiente flexível e de rápida adaptação conforme os gostos e as necessidades dos trabalhadores e também dos clientes, que podem contribuir e colaborar.

Em âmbito nacional até os escritórios com mais conhecidos possuem uma equipe mais reduzida, há de se classificar em dois tipos: o escritório com todos sendo arquitetos sócios e o escritório com um ou mais arquiteto chefe e demais juniores.

Não é difícil de se imaginar como funciona a organização de trabalho em ambos os tipos, enquanto o primeiro tipo há uma hierarquia horizontal no outro há uma vertical na qual os líderes quase sempre tomam conta da criação, supervisão e administração e os estagiários da documentação. Para o primeiro tipo, toma-se como exemplo um escritório de Belo Horizonte chamado “Arquitetos Associados”, um escritório composto por um núcleo de sócios que em conjunto com vários outros colaboradores de várias áreas do conhecimento já executaram diversos trabalhos, inclusive no campo da pesquisa e docência.

Há outros escritórios colaborativos que trabalham de maneira semelhante a este de Belo Horizonte vide o Usina CTAH, citado no capítulo inicial, que trabalha ao lado dos mutirões na conquista e execução de moradias de qualidade na cidade de São Paulo e possuem um sistema organizacional bem parecido.

Para exemplificar o segundo tipo dispõe-se do escritório de decoração e design de interiores “Nada Igual Design” situado em Uberlândia, cujo autor trabalha a mais de um ano como estagiário. Uma sala quase que quadrada de 40m

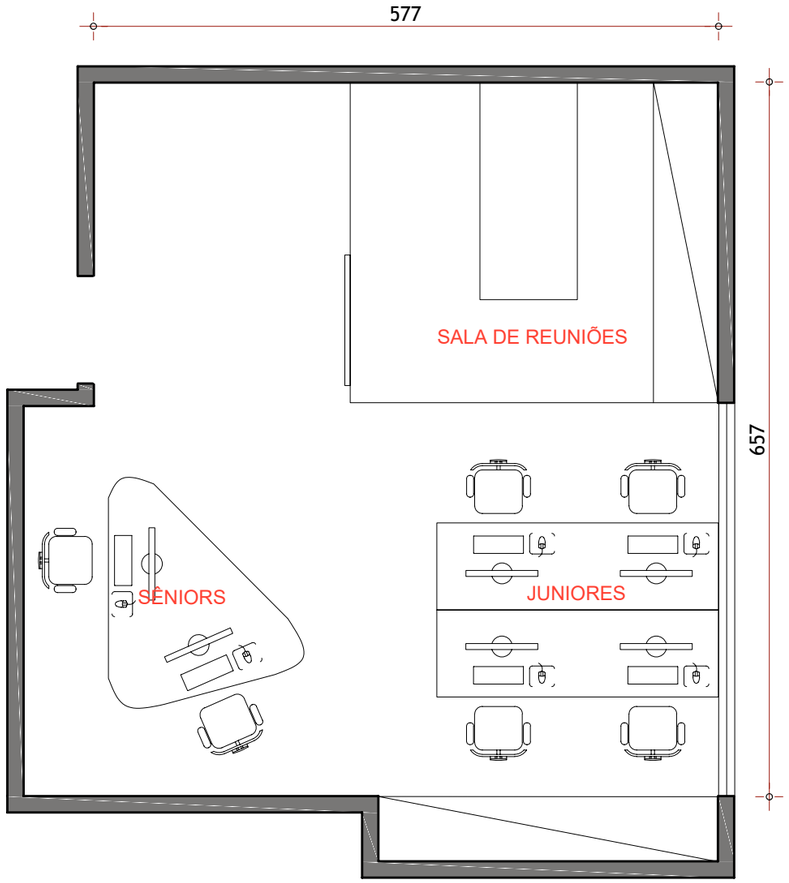


Figura 20: Croqui Planta
Nada Igual Design

Fonte: do Autor

Os grandes escritórios internacionais e os pequenos escritórios de arquitetura têm algo em comum para o funcionamento pleno de suas atividades: a comunicação e a colaboração. A comunicação entre os integrantes, independente da forma de hierarquia é o que move um escritório, caminha lada a lado com a colaboração e por esta entende-se a atividade realizada entre dois ou mais em prol de um objetivo, a disposição que mais favorece estes princípios é aquela com maior visibilidade e fluidez entre os trabalhadores, por isso as características das firmas de arquitetura, como uma planta mais livre e mobiliário compartilhado, se repetem nos mais variados tipos, nas pequenas e grandes equipes, é claro que se adequando às condições espaciais, contingente e até mesmo financeira.

COWORKING

Ainda sobre o espaço de trabalho e retomando o tema sobre o trabalho coletivo, há nos dias atuais uma crescente em todo o mundo, o *Coworking*. Por definição, de acordo com o site coworkingbrasil.org: “Coworking é um movimento de pessoas, empresas e comunidades que buscam trabalhar e desenvolver suas vidas e negócios juntos, para crescer de forma mais rápida e colaborativa.”

Este tipo de movimento é claramente um braço do trabalho coletivo e até mesmo colaborativo, oriundo da forma globalizada que o mundo é regido atualmente. O mote é que o crescimento quando compartilhado e assistido por outrem é maior e mais recompensador, pois compartilhar conhecimento é uma, se não a melhor, forma de desenvolver um projeto. O movimento é tão grande e se disseminou para vários cantos atualmente que é considerado um movimento global de cultura.

Um espaço de coworking é um ambiente ou uma empresa, estruturado para que outras empresas o ocupem e trabalhem. O diferencial em relação à um escritório convencional é justamente a rotatividade de frequentadores e o compartilhamento físico do espaço e intelectual entres os trabalhadores, fortalecendo uma rede de contatos através dessas trocas de experiências.

Espaços como esses possuem variados tipos de disposição de salas e configuração de funcionamento, podendo variar a forma de aluguel. É certo que para o bom funcionamento, visando sua razão comercial de aluguel, o ambiente é equipado de maneira a abranger diversos públicos de gostos variados, porém sempre mantendo uma identidade neutra, já que ninguém, em teoria, é dono do espaço, há uma rotatividade.

A exemplo de ilustração, o “Mercado Criativo Coworking” da cidade de Uberlândia dispõe-se de: uma área com três baias de trabalho para duas pessoas cada devidamente mobiliada; uma sala de reuniões alugável também equipada; ambiente climatizado; armários de estocagem; lavabo; copa; internet e por fim, para os profissionais arquitetos urbanistas e designers de interiores, um armário com material de estudo e amostras para reuniões com os clientes. Neste empreendimento uberlandense, o serviço oferecido cobre várias das necessidades do profissional, basicamente o que resta a ele é apenas seu instrumento de trabalho, majoritariamente, computadores.



Figura 21: Mercado Criativo Coworking
Fonte: Instagram do empreendimento

Fica evidente então que para funcionamento efetivo de um ambiente desse tipo são necessárias a comunicação e a convivência coletiva. Espaços como este reforçam a noção de coletividade e colaboração já que existem noções de convivência e respeito mútuo, as partes devem cooperar segundo um contrato social a fim da boa convivência.

Entretanto, vai muito além dessas questões normativas, pois o espaço propicia a comunicação das partes, eventualmente irá se criar laços de caráter não só profissional, a interação social se torna mais íntima, noções de identidade, pertencimento, amizade, serão relevantes e o resultado será uma espécie de organismo plural. É um espaço que permite o crescimento individual sem se individualizar.

ESPAÇO COLETIVO E A PANDEMIA

De acordo com o Censo de 2010, estimando 190 milhões de brasileiros, 86% residiam na zona urbana contra 14% da zona rural, a previsão é de que aumente esta diferença para o Censo de 2020, prorrogado para 2021 devido a pandemia. Este valor evidencia uma realidade: a busca por uma melhor qualidade de vida na cidade.

Entretanto esta realidade é contraditória, já que o inchaço urbano, previsto, mas não controlado é um catalisador da diminuição da qualidade de vida. É possível afirmar tal preposição analisando os mesmos dados do Censo de 2010, cerca de 25% da população brasileira possui abastecimento e distribuição de água por uma rede geral; 48% da população total reside nos chamados aglomerados subnormais (favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, mocambos, palafitas, entre outros assentamentos irregulares.).

Além dos números do Censo 2010, desastres como as chuvas que assolaram a região sudeste em fevereiro de 2020, como na capital São Paulo que registrou os maiores índices de chuva desde 1988, e deixou grande parte da cidade alagada, entre outros fatores que contribuem para a diminuição da qualidade de vida urbana.

Todos os dados acima servem para exemplificar a contradição que existe na ideia de melhor qualidade de vida na cidade. Um outro fator diretamente relacionado com qualidade de vida são os ambientes da cidade e como eles servem aos cidadãos e estão distribuídos na cidade, mais especificamente os espaços públicos e semipúblicos.

Atualmente há uma carência nas cidades por espaço público, já que este é o que preenche o vazio deixado entre as construções e é nele que se dá o fluxo das pessoas e todas as possíveis relações entre os seres.

> Quando nos referimos às ruas e demais espaços públicos de uma cidade, em realidade, estamos falando da própria identidade da cidade. É nesses espaços que se manifestam as trocas e relações humanas, a diversidade de uso e a vocação de cada lugar, os conflitos e contradições da sociedade. (CACCIA, 2015, p.142)

Como escreve Lara Caccia em sua dissertação de mestrado, nos espaços públicos que acontece as interações sociais e moldam os laços comunitários, pois estes espaços quando utilizados e apropriados pela comunidade irá refletir as características desta, o que traz um significado e um valor para aquele ambiente. Espaços privados, mas abertos ao público, como bares, galerias, museus, etc.; também carregam esta premissa de ambientes que promovem encontros e interações, consequentemente, a coletividade.

Ambos modelos impactam positivamente na qualidade de vida quando se observa esta característica, pois influenciam na saúde física e mental do habitante da cidade, ao se sentir melhor este tende ser mais ativo em espaços que o atrai. Os valores sociais e culturais de uma sociedade refletem na maneira que estes espaços são planejados e geridos, por isso é necessário que a busca pela democratização do uso do espaço seja sempre o valor principal, pois espaços com diversidade de uso e pluralidade de usuários tornam a sociedade mais democrática e vice versa.

Nos grandes centros urbanos a densidade e o preço do m

Nem todo mundo tem um ambiente em casa confortável e adequado para trabalhar, com uma mesa espaçosa e uma boa cadeira, haverá pessoas que terão que trabalhar na mesa de refeições, no sofá da sala ou no quarto, acarretando em futuros problemas de saúde, além dos problemas de ergonomia e saúde há também a limitação tecnológica, o acesso à computadores e *softwares* que consigam realizar as atividades adequadamente e, obviamente, o acesso à internet[6].

É válido destacar também como o teletrabalho afeta o cérebro, já que o espaço de trabalho está ocupando o mesmo espaço de lazer e também a diminuição do contato com outras pessoas torna a vida social menos ativa, impactando no psicológico das pessoas. O ambiente em que o indivíduo está inserido e frequenta é percebido pelos sentidos, logo a experiência é validade pelas sensações, portanto, não é tão simples e benéfico assim trabalhar em "*home office*".

Quando Ruy Castro diz que os escritórios irão acabar no pós pandemia, parece uma espécie de evolução da sociedade, o próximo passo rumo ao futuro, porém, como mostrado anteriormente, este futuro se não alinhado pode se mostrar cinzento. A cooperação se sustenta na interação social, no sentimento de pertencimento a um lugar, uma causa ou uma equipe, e o teletrabalho vai contrário a isso, o isolamento enfraquece a coletividade.

Portanto, é possível também fazer uma outra leitura: no pós pandemia o essencial será compartilhar o mesmo espaço, será a valorização dos laços sociais, a troca de experiência, não no tradicional ambiente corporativo, de fato, haverá uma reconfiguração, mas ainda assim, as pessoas permanecerão juntas!

> E daquilo que a existência significa para cada classe de homens, daquilo que, para eles, dá valor à vida, disso mesmo desejam ocupar-se em companhia de seus amigos. Por isso alguns bebem juntos, outros jogam dados juntos, outros associam se nos exercícios atléticos, na caça ou no estudo da filosofia, cada classe de homens passando os dias entregue, em mútua companhia, às ocupações que mais ama na vida; porque, visto como desejam viver com seus amigos, fazem e compartilham aquelas coisas que lhes dão o sentimento de viverem juntos. (ARISTÓTELES, 1991, p. 216)

[6] Um em cada quatro brasileiros não tem acesso à internet segundo a Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios Contínua – tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) 2018. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet. Acesso em: 14/09/2020.

O NOSSO ESPAÇO DE TRABALHO

Tratando-se deste trabalho, o que se apresenta como proposta é a construção de um edifício que acomode as atividades laborais de 16 profissionais arquitetos com suas particularidades e frentes de atuação descritas adiante e também que consiga acomodar uma série de outras atividades de cunho educativo e cultural abertas para o público. Além disso, parte da proposta consiste na criação de um espaço de permanência e passagem ao mesmo tempo, trazendo um pouco da "vida" da rua e os pedestres para dentro do terreno utilizando-se do desenho de uma quadra aberta que traz permeabilidade e continuidade da rua em conjunto do programa possibilitando uma multifuncionalidade para rés-do-chão o que torna essa travessia mais interessante do que as calçadas tradicionais tangente as vias.

A começar pelo edifício de trabalho pode-se dizer que é uma variação do escritório territorial aberto/ fechado do tipo humanizado, porque o contexto em que está sendo pensado é outro, mas carrega muito de suas características como a disposição mistas de postos de trabalhos abertos e distribuídos em uma planta livre, mas também tem a disposição salas fechadas para trabalho individual ou grupo menores, além da relação de hierarquia mais horizontal. Absorve-se também algumas das características do *coworking*, pois será um ambiente compartilhado por 16 pessoas que estarão trabalhando e desenvolvendo seus negócios juntos.

Este prédio pode ser visto de duas maneiras, a primeira como um prédio que abriga vários escritórios e a segunda como um grande e único escritório. Essa dualidade existe porque os 16 integrantes são distintos e possuem diferentes formas de atuação, mas ao mesmo tempo possuem uma harmonia e um objetivo em comum de permanecerem juntos e passarem adiante parte de suas experiências através de trabalhos em colaboração e da outra frente de atuação do edifício na área de educação e cultura.

Os profissionais ali presentes, ora podem atuar de forma autônoma ora de forma coletiva a depender de sua atividade, objetivo e até mesmo humor. Este ambiente permite que o usuário escolha trabalhar em sua mesa pessoal, ou ao lado de um colega, ou no sofá, e caso deseje mais concentração pode optar por uma cabine privada, o ambiente criado ou mudado pelo usuário o permite trabalhar da forma que desejar e achar eficiente. Este espaço consequentemente terá uma identidade própria baseada na contribuição de cada usuário, carregando um valor sentimental e representativo do grupo.

O grau de intimidade entre os trabalhadores permite uma visão diferente dos outros espaços, não é como no chão de fábrica com todas normativas e a classe de operários reunindo esforços para reivindicar direitos aos patrões, também não é como numa oficina de artesãos com um mestre guiando seus pupilos, pelo contrário, todos reconhecem seus esforços e se entendem a ponto de conhecerem seus direitos e deveres para um com o outro. Além disso, um local democrático e saudável como este é palco para discussões construtivas até conversas cotidianas, afinal estão todos entre amigos.

Distancia-se de ser totalmente um espaço de coworking pelas seguintes questões: um espaço de coworking, teoricamente, não restringe a área de atuação do profissional, porém, claramente nem todo profissional se encaixa em um espaço como este por questões como flexibilidade de espaço e equipamentos, por exemplo os profissionais da saúde, logo, para tentar angariar o maior número possível de profissionais um espaço de coworking precisa ter certa neutralidade; É comum que os lugares que se vendem como coworking tenham uma rotatividade de público de seus aposentos, o que não é o caso, a priori, do escritório colaborativo aqui proposto para os dezesseis amigos; Por fim, também não está completamente sujeito à lógica tradicional do coworking, pois não é um espaço alugável para terceiros e neutro. Também não é completamente uma "indústria criativa" porque não é um super conglomerado da tecnologia informacional, entretanto possui alguns traços, como um ambiente mais disruptivo e criativo com a intenção de fazer o arquiteto se apropriar do espaço dele.

O espaço de trabalho idealizado neste projeto inclui valores mais contemporâneos de trabalho: um ofício descentralizado, não há a figura de um gerente ou chefe que coordena as tarefas de todos; um ambiente apropriado é mais confortável, pois está à imagem de quem o apropriou; a não estratificação e não mecanização da produção não aliena a paixão de criar e não desvaloriza o intelecto; a cooperação não é exercida em detrimento do lucro, e sim a favor da sociabilidade, bem estar físico e mental; Não é um espaço nômade e de relações voláteis, é um espaço de identidade.

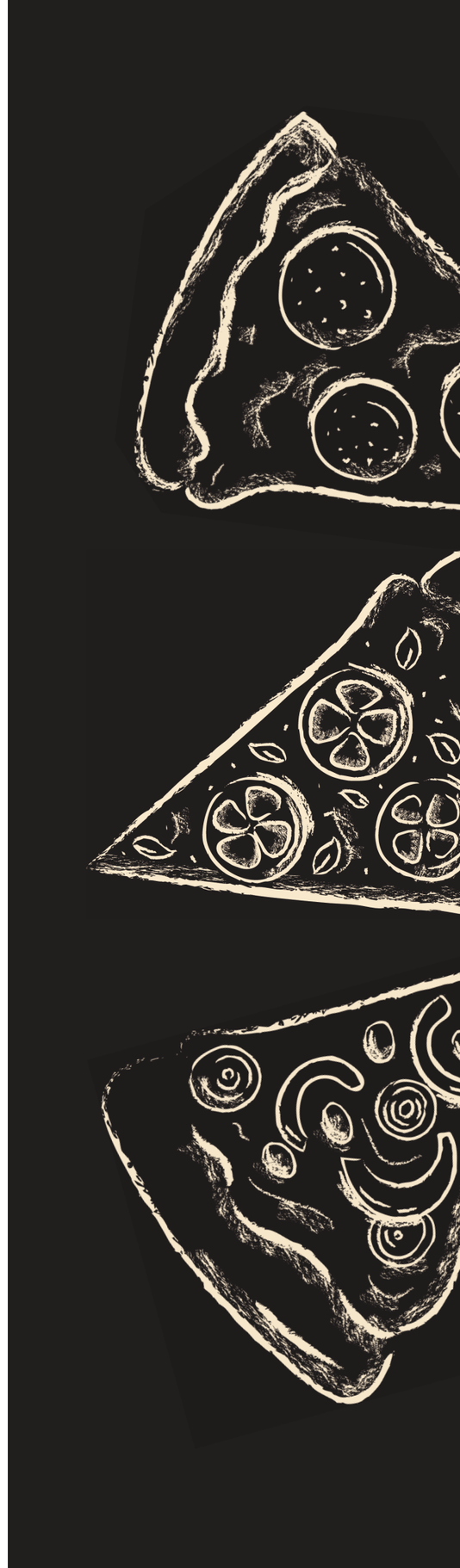
A segunda frente de atuação do edifício é o papel que este tem para com o público. O profissional arquiteto e urbanista tem obrigação previsto no Código de Ética e Disciplina do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, mais precisamente no capítulo 2 "obrigações para com o interesse público" de servir à comunidade. Um dever social de contribuir positivamente e de forma útil para a cidade, principalmente aos graduados em uma universidade federal, devolver à sociedade para além de legitimar o investimento público, expressar gratidão.

Parte essencial da atividade colaborativa é a troca de experiências, pois toda atividade e comunicação tem potencial de mudança, ambientes mais plurais incitam discussões, descobertas, são catalizadores de ideias, tudo isso soma, seja na divulgação do conhecimento, na construção de um ideal, na identidade cultural, as instituições educacionais, em especial a universidade, são a prova disso já que é um espaço que recebe diferentes tipos de público que se convergem, se misturam e os resultados são diversos, como os eventos culturais, as olimpíadas universitárias, os movimentos estudantis, as exposições científicas, etc.

Portanto, essa relação de troca não deve se limitar apenas aos amigos arquitetos, ela também se dá entre estes e a comunidade e também entre ela mesma. A maneira pensada para atingir esse objetivo é fazer com o que os arquitetos tenham algo para compartilhar com a comunidade e vice-versa, para tanto foi pensado que parte das instalações do edifício sejam abertas ao público com um programa que incentive e promova atividades culturais e educativas tendo uma programação frequente deste tipo de atividades podendo ser organizadas pelos próprios arquitetos ou parceiros.

Estas atividades funcionariam em paralelo aos escritórios como uma segunda forma de atuação, parte do edifício está disponível e equipada para o uso do público com um programa que supre atividades voltadas para a produção de conteúdo diretamente relacionadas aos ofícios dos integrantes. Desta forma, fica a disposição uma maquetaria, uma midiateca, um estúdio fotográfico, um laboratório de revelação fotográfica, um laboratório digital e um salão multiuso que pode ser compartimentado em salas menores para ocorrência de cursos e oficinas.

Estes cursos e essas oficinas seriam uma das formas de captação de recursos para manutenção do edifício, dentre as possibilidades há: aulas de desenho, aulas de fotografia, ilustração digital, cenografia, entre outros. Outras formas de captação acontecem por meio da utilização da maquetaria concedendo material e maquinário e também na promoção e hospedagem de alguns eventos como festas, feiras científicas e demais convenções. A intenção é transcender o ateliê, o edifício receberia o público para presenciar exposições artísticas, apresentações musicais, feiras acadêmicas, aulas expositivas, entre outros.



Na porção oeste do terreno encontra-se um segundo edifício que comporta uma atividade comercial, uma cafeteria/ bar e uma sala de exposição que complementa parte do programa cultural do projeto. Do nascer ao pôr do sol a cafeteria serviria um cardápio tradicional para este tipo de estabelecimento e quando se inicia a noite torna-se um bar, alterando o cardápio e a dinâmica do funcionamento conforme as horas se passam. A sala de exposição fica com o papel de exibir as produções feitas nas oficinas ou de terceiros que queiram utilizar do espaço para fazer sua mostra e com isso trazer visibilidade e movimento para dentro do complexo.

No centro do terreno encontra a área dos fornos de pizza que remetem os fornos do campus Santa Mônica, pois há uma motivação conjunta e um sentimento de nostalgia ao querer trazer estes equipamentos, já que a graduação e a construção dos laços afetivos começaram ao redor dos fornos do campus, o evento da pizzada é tão significativo que vai além do sentimento pessoal de cada um dos dezesseis amigos, pois ele carrega a representatividade da recepção de calouros, do trabalho coletivo, do sentimento de pertencimento. Trazer os fornos para dentro do terreno é querer realizar essa mesma atividade de integrar as pessoas, mas com uma abrangência maior, com um público mais diversificado.

É válido ressaltar que a porção leste e oeste do terreno se comunicam através do largo caminho que cruza toda a quadra servindo como uma rua para pedestres, que dependendo do momento podem contemplar uma atividade cultural, um show de rua na frente do bar, uma pizzada do curso de arquitetura, entre outros.

O COLETIVO/ AS PERSONALIDADES

Diferentes personalidades utilizarão este espaço, todas no mesmo nível de hierarquia, logo é imprescindível que um projeto pensado para elas seja também pensado por elas. Desta maneira a fim de contempla-las, inicialmente, foi elaborado uma conversa com cada um a fim de apresentar a ideia de trabalho coletivo, de compartilhar experiências, do papel social de agentes transformadores, todos estes ideais do projeto e conhecer as opiniões deles sobre com a intenção de que eles se sintam participantes, como se este projeto estivesse se concretizando fora do papel. Esta conversa serviu como guia para elaboração do programa e dos conceitos do projeto.

Como cada um dos amigos é parte integrante deste projeto é importante que se tenha conhecimento quem são estes integrantes e o que cada um pensa sobre esse trabalho, portanto, a seguir, em ordem alfabética, apresentamos uma breve descrição do perfil de cada um baseado na conversa realizada durante o desenvolvimento do trabalho e na convivência ao longo dos anos.



ARIANE

Animada e determinada, gosta de se manter ocupada, com a mente e o corpo em movimento, uma pessoa multitarefas. Entretanto, este estilo agitado não a domina o tempo todo, reconhece a importância do ócio e acredita que parte dele está atrelado ao bem estar com os amigos. Para ela é impossível viver só e sem amigos, porque o ser humano precisa se comunicar e expressar seus sentimentos, entre outras necessidades na qual cada amigo possui uma individualidade e capacidade de preencher um espaço ou ajudar de certa forma. Em paralelo, acredita que olhar para si, estar sozinho, é tão importante quanto estar junto, e pensando nisso, para um projeto como este acha imprescindível que haja no escritório um espaço para trabalho individual e um para trabalho em grupo, para que haja liberdade dependendo do humor ou do nível de exigência de concentração e dedicação. Não concebe a ideia de um escritório de arquitetura e urbanismo funcionando com uma única pessoa porque dividir o conhecimento não o diminui, pelo contrário, o perpetua e o valoriza, é preciso compartilhar e democratizar.



AURÉLIO

Com personalidade forte e muito carismático, apegado aos seus amigos, sente muita falta do convívio social. Separa muito bem os momentos de estar sozinho e estar em grupo, consegue absorver o melhor dos dois mundos e para extrair o melhor rendimento de seu trabalho gosta de ter seu próprio espaço, como uma mesa de trabalho única, mas ao mesmo tempo quer proximidade com terceiros para poder compartilhar o que fez ou ser influenciado por outrem, gosta de manter uma troca de experiência frequente e facilitada por uma proximidade física. Acredita que a arquitetura e o urbanismo têm uma responsabilidade social muito grande e que quando sai da graduação isto se perde, gostaria de se empenhar na pauta social e educacional como profissional e não só ficar trabalhando para o mercado. Para ele, este projeto não pode faltar espaços mutáveis, que consigam ter diferentes configurações para os diferentes públicos e usos, além disso, que o conjunto como um todo seja amigável com o meio ambiente.



CAMILLA

Meiga e preocupada, se mostra engajada com a graduação e na luta social e isso só foi possível com o apoio dos amigos, que a incentivavam e auxiliavam nos momentos árduos. Seu maior apreço pelo curso não foi o curso em si, mas sim o que ele mostrou a ela e o que a permitiu criar, não se vê atuando no mercado tradicional de projetos, prefere o campo da pesquisa e da luta social estudantil, se vê como professora e pesquisadora, quer manter vínculos com a universidade. Aprecia o trabalho em grupo, acredita que individualmente estamos suscetíveis a erro e que no coletivo há muito o que se aprender e se apoiar. Saindo do viés educacional e social e indo para o desenho de projeto considera extremamente valioso poder trabalhar da forma que quiser, inclusive, fugindo do tradicional mesa e cadeira, adoraria um sofá confortável.



CAROL

Um pouco tímida, acostumada a ficar só, independente e muito competente nas atividades que propõe fazer. Critica a graduação e a vindoura profissão a respeito de alguns paradigmas: o da profissão elitizada e o do papel social do profissional, existe uma linha tênue entre estes que carece de atenção, segundo ela. Mesmo com uma identidade mais individualista, reconhece que em um dos ramos que quer seguir, de projetista, não é benéfico estar sozinho, pois limita a criatividade e o questionamento, além de induzir à soberba. Uma outra característica é sua comunicação, quando está em um ambiente conhecido e com pessoas que gosta, uma pessoa bastante comunicativa surge, para quebrar a monotonia, para ela é muito triste um ambiente fechado, silencioso, vazio e climatizado. Entusiasta da arte e empreendedora, tem vontade de não se prender apenas aos projetos do escritório, quer se aplicar em outras áreas e abrir uma cafeteria durante o dia e um bar durante a noite.



DIOGO

O mais espontâneo e cômico, possui um comportamento hiperativo que o faz fazer muitas coisas ao mesmo tempo ou então muito rápido. Determinado sempre a vencer suas próprias limitações e desafios diários, então no trabalho tem uma postura de trabalhador competente e está disposto a aprender aquilo que não sabe para se tornar cada vez mais completo. Ainda no meio profissional, gosta muito de mostrar seu serviço e conhecer o dos outros, criticar e aprender, trocar experiências, aprecia muito o trabalho coletivo. Um pouco perdido sobre em que área quer se especializar e trabalhar, mas sabe que a escolha pelo curso foi certeira. Para o complexo idealizado neste trabalho, ele adoraria ver menos obstáculos visuais, como paredes que cobrem inteiramente uma visão, para ele a continuidade e permeabilidade visual traduz o sentimento do coletivo.



DOUGLAS

Talvez o mais cético do grupo, investiga e extrai o que pode em situações adversas e não recusa companhia em nenhuma situação, para ele, uma sala ocupada, mesmo que em silêncio, já causa uma sensação de bem estar e “traz vida” ao espaço. Já esteve desanimado com a graduação durante um tempo, porém teve uma nova percepção após se inserir no meio profissional a partir do estágio, para ele a proximidade com um projeto real, a relação com o cliente e com seu superior tornou seus estudos menos ideais e mais palpáveis. Acredita que o escritório pluralizado alinhado com um fluxo de trabalho organizado é o caminho certeiro, logo é importante focar nessa questão do fluxo e como está a relação entre os integrantes. Aprecia mais a função do que a forma, em um projeto como este, a intenção tem que ser forte e evidente, tem que ser indubitável para o usuário onde ele está e o que ele veio fazer.



GIOVANA

A que tenta sempre se manter alegre e positiva, presa bastante pelo seu bem estar e de seus amigos. Adora a relação íntima da arquitetura com as pessoas, por que quando se projeta espaços se pensa nos usuários, portanto a identidade para ela é ponderosa. O ambiente compartilhado lhe agrada porque acredita que o conhecimento não se constrói apenas na instituição educacional, então é positivo um espaço como este principalmente com as pessoas que ela gosta, trabalhar se torna menos árduo nessas condições. Acredita que há uma falta de engajamento dos profissionais do ramo nas áreas culturais e artísticas na cidade de Uberlândia que poderiam ser mais ativos e que há possibilidade de fazer isso sem abrir mão do mercado tradicional. Portanto analisando a forma este empreendimento se dispõe, acredita que as áreas de comunhão devam ser atrativas e funcionais, não apenas metafóricas.



HELLYONAY

Extremamente carismático e popular, acredita muito no valor da amizade e as vantagens de se ter bons amigos, pois já obteve e também proporcionou diversas oportunidades durante a graduação, no seu emprego, em sua casa, entre outros. Muito trabalhador, não aceita a ideia de trabalho parado ou mal executado, preza pelo capricho. Mesmo sendo exigente, reconhece suas limitações e não se imagina trabalhando sozinho, pelo contrário, seu desejo é trabalhar com quem tem afinidade e admiração. Levando em consideração seu apreço pelo trabalho árduo é que ele acredita que ambientes de trabalho têm que prezar pela saúde do trabalhador, física e mental, para aliviar o estresse uma "sala de descompressão" é essencial, um ambiente calmo, alheio ao trabalho no qual o foco é descansar e se entreter com outras coisas.



ISABELA MAGRO

A desconfiada do grupo, com um estilo tranquilo costuma manejar sua vida sem chamar atenção, muito cuidadosa com as palavras e atitudes e sempre cheia de boas intenções. Se encontrou no curso e acredita em um futuro recompensador, acha que a metodologia do curso, principalmente a aplicada na disciplina de "Ateliê de Projeto Integrado" é muito valorosa e diferente de outros métodos de ensino e não agrada a ideia de, depois de toda a jornada de aprendizado na faculdade convivendo com seus semelhantes, debandar do grupo e trabalhar sozinha. No seu entendimento, um projeto nos moldes descritos neste trabalho precisa de permeabilidade, como é feito a ligação da rua e das pessoas com o edifício em sentido físico e figurado.



ISABELLA SIMPSON

Original e cativante, abraça várias causas e faz de tudo um pouco e faz bem. Desde o princípio da graduação já se integrou às várias atividades do currículo e extracurriculares, diretório acadêmico, organização de eventos, entre outros. Devido à todo este engajamento já está acostumada com o convívio com outrem no ambiente de trabalho e adora partilhar seus momentos felizes com seus amigos. Tem uma relação de amor com o curso e tudo que ele pode prover, principalmente os laços que ela criou, mas mesmo amando o curso não sabe se vai trabalhar na área de projetos, entretanto quer aplicar de alguma forma todo o conhecimento adquirido. Adoraria trabalhar com fotografia, algo relacionado à experimentos com canteiro de obra e quem sabe uma promotora de cultura e arte. Para um ambiente coletivo saudável, segundo ela, não pode faltar respeito, comida e cerveja.



MARIA LUIZA

A mais sistemática e organizada, com um semblante sério e determinado gosta de ser objetiva. Oscila entre estar só e estar junta de outras pessoas dependendo do seu humor e atividade que está exercendo, e confia que o entrosamento com as pessoas certas pode gerar bons frutos, tudo depende do nível de maturidade e respeito e que trabalhar em grupo é um ótimo medidor desses princípios principalmente se for entre pessoas que conviveram diariamente durante anos na graduação. A área que pretende trabalhar é da arquitetura digital e tecnologias de interação, uma área relativamente recente no cenário brasileiro. E como é de praxe os arquitetos e urbanistas se perderem em meio ao trabalho sem perceber as horas passando e totalmente imersos, é necessário que haja uma forma ou um lugar para o trabalhador se “desligar”, acha que um jardim e uma bonita paisagem é capaz de acalmar os nervos.



MARTIJN

O excêntrico e crítico, intimamente ligado as questões mais humanas da arquitetura e urbanismo e da arte, também é outra figura engajada nas atividades do curso e fora dele, com uma veia social e política muito forte. Um incentivador de discussões das mais diversas pautas, desde cinema à projeto pedagógico. Preocupasse com o papel do profissional arquiteto na aplicação de todos o conhecimento de causa de forma eficiente e honesta visando o bem estar social, porque são detentores de uma responsabilidade muito grande. Em relação ao trabalho proposto, acredita que a gestão deste espaço é tão importante quanto o desenho do projeto, por várias vezes é esquecido ou deixa-se propositalmente de pensar durante as aulas de projeto quem são as entidades que irão cuidar e gerenciar aquele espaço que está sendo apresentado, a falta de conexão torna menos real.



MATHEUS

A personalidade serena e orgulhosa, leva a vida de maneira calma e dita seu próprio ritmo. Altivo, reconhece seu esforço, muito disso se dá pela criação e estilo de vida mais solitário, lida bem com a ausência e sabe se cuidar. Entretanto, reconhece as limitações de trabalhar sozinho, e como um futuro arquiteto não deseja seguir carreira solo, já tem planos de ter amigos ao seu lado. Gosta da ideia de um ambiente pluralizado e com pessoas que ele conhece e tem afeto, acredita que para funcionar de maneira interessante é que o espaço proporcione várias formas de convivência, junta e separada, de acordo com a demanda do trabalho ou com o sentimento pessoal.



NATHÁLIA

Divertida e um pouco confusa, teve altos e baixos em toda sua trajetória da graduação, mas atualmente está em harmonia com sua escolha e se encontrou com a vida profissional futura. Por várias vezes trabalha sozinha, mas gosta do apoio e opiniões de outras pessoas para sempre melhorar. O que mais a encanta é a possibilidade de mudar a vida de alguém através de um projeto, uma intervenção, uma conversa que seja, a transformação como um todo. Das várias formas de arte existentes as que mais aprecia são a literatura e o cinema e adoraria poder usufruir delas mais vezes.



RAPHAELA

Sensata e realista, traça suas metas e mantém como foco até cumpri-las para adquirir suas recompensas. É uma das personalidades que contempla estar só e não abre mão de um momento para si de descanso, principalmente se for para deitar e espairecer, até cochilar. Mesmo valorizando o ócio separa bem seus horários e quando está trabalhando é extremamente dedicada. Para ela um ambiente de trabalho perfeito tem que contemplar seus ânimos e vontades, no qual consiga definir ficar junto de alguém ou sozinha, almoçar no serviço ou em casa, usar o celular em um pufe ou dormir no sofá. Além disso, adora comparecer a eventos e apresentações, uma agenda cultural frequente e uma localização próxima ao trabalho complementam o espaço ideal.



VITOR

O autor, apegado e emotivo, vê um futuro no qual possa continuar junto com os amigos, trabalhando e se divertindo no mesmo ritmo da graduação, já que é nos momentos de diversão que acontece o ócio criativo. Valoriza os momentos de espairecer, diálogar, descansar, matar a fome e a sede. Claramente prefere comunicação e união a isolamento e silêncio. Acostumado com o trabalho em grupo e a divisão de espaço, acredita que o melhor ambiente é aquele em que todos seus integrantes se sintam pertencidos e participantes, um lugar igualitário e de identidade.



Após essas descrições foi possível conduzir com mais foco os rumos do projeto, a elaborar os conceitos, setorizar as áreas e definir o programa. Mesmo sendo dezesseis personalidades, quinze mais o autor, não houve muita dificuldade em conciliar todas estas características e traduzi-las ao projeto.

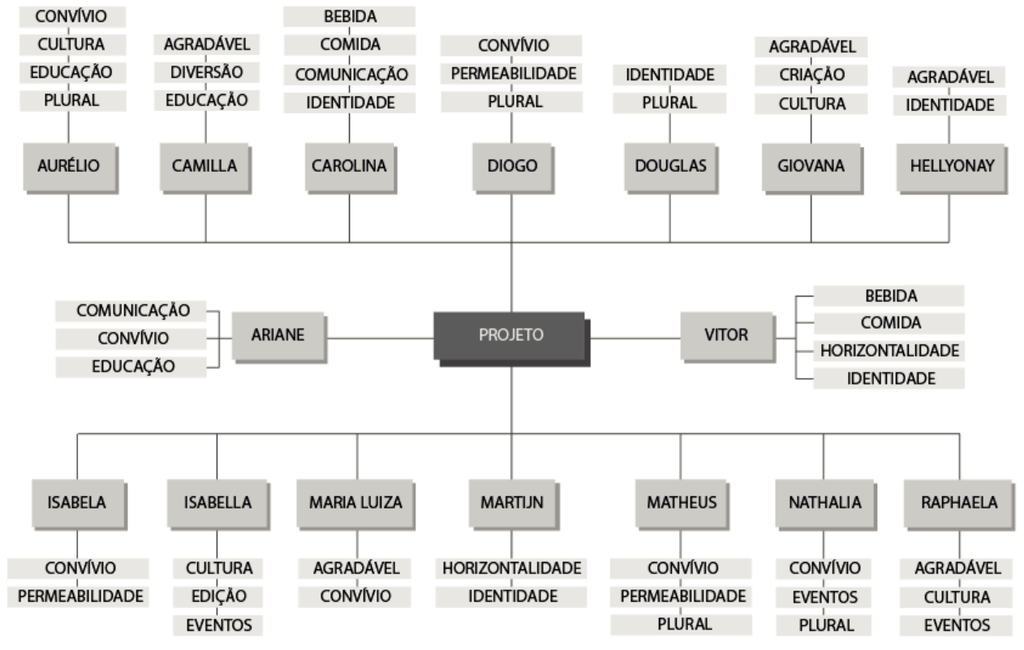


Figura 22: Diagrama de conceitos
Fonte: Do autor

CONFORMAÇÃO

Ato ou efeito de conformar(-se)[7]; Dar ou adquirir forma; configurar(-se), formar(-se)[8].

A escolha do terreno foi feita levando em conta duas considerações: a primeira é que fosse em um bairro de grande densidade e também de grande fluxo; a segunda é que fosse próximo a Universidade Federal de Uberlândia para tornar mais viável uma das propostas do projeto, a de se relacionar frequentemente com a Faculdade e Arquitetura e Urbanismo e Design.

Logo a escolha se concretizou no bairro Santa Mônica em um lote duplo vago na Rua Maria Esperança, uma rua sem saída, e faz fundo com um lote que atualmente é ocupado por uma oficina automotiva com entrada na Avenida João Naves de Ávila, que será incorporado à proposta. O terreno ao todo então é composto por três lotes individuais preparados para ocupação residencial unifamiliar, como a maioria do entorno, totalizando 1173,2 m



Figura 24: Implantação e Entorno
Fonte: Do autor

Um terreno pouco acidentado, distribuído entre curvas de nível distantes, torna-o levemente inclinado com a parte mais baixa sendo a elevação da Avenida João Naves de Ávila. Situado no eixo oeste-leste no sentido longitudinal.

Por estar localizado próximo ao encontro de vias coletoras (Avenida Nicodemos Alves dos Santos, Rua Francisco Vicente Ferreira, Alameda Uberaba) e uma via estrutural (Avenida João Naves de Ávila), além da proximidade com a universidade, é natural que haja um alto tráfego de pessoas e veículos na região, o que deixa o local escolhido com alta visibilidade, em contrapartida, o outro lado do terreno que faz frente com a via local (Rua Maria Esperança) sem saída e cercada por moradias.

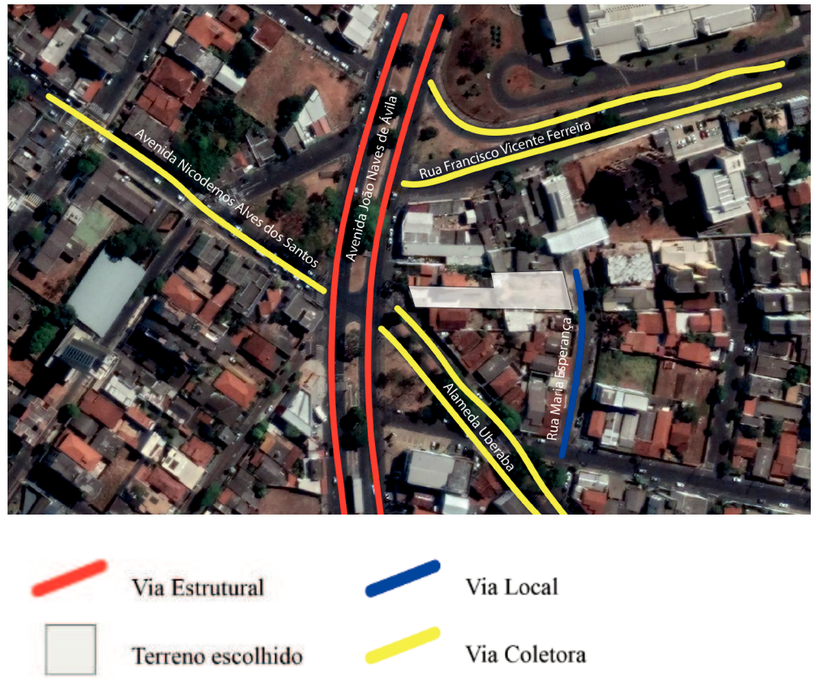


Figura 25: Análise das vias do entorno – Prancha 1

Fonte: Do autor

O entorno mostra algo bastante comum no planejamento urbano, áreas comerciais e de serviço estão locadas nas vias de grande fluxo e conforme se adentra o bairro se vê a predominância de residências. Neste pequeno recorte que no passado pertencia ao Bairro Progresso, atualmente se integrou ao Santa Mônica, há uma predominância de residências térreas unifamiliares, mas que têm potencial para se tornarem condomínios verticais em um futuro próximo, pois há incidência destes na região, fortemente influenciados pela universidade.

Figura 26: Análise de uso do entorno – Prancha 1
Fonte: Do autor



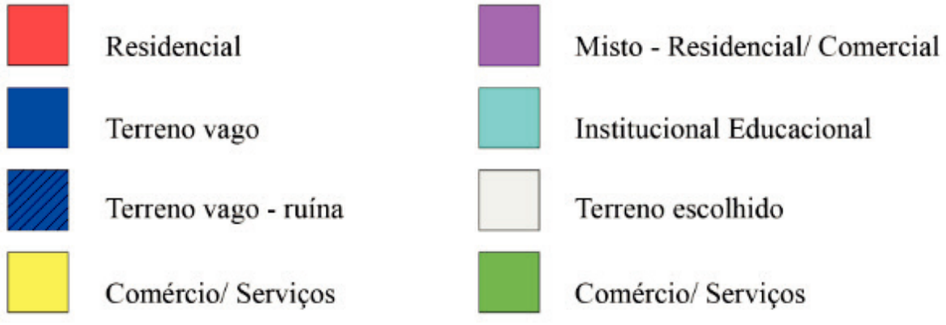


Figura 27: Análise de uso do entorno – Prancha 1
Fonte: Do autor





Apesar de bem próximo a UFU, menos de 200 metros, cartograficamente, da portaria da Rua Francisco Vicente Ferreira há um impasse urbano que transforma estes 200 metros em 450 metros, esse impasse é que tanto a Rua Maria Esperança e a rua do quarteirão acima são sem saída, não se ligam a Rua Francisco Vicente Ferreira, diferente das demais ruas paralelas no sentido da subida. Portanto, é uma rua que serve aos moradores, quase que um condomínio, e a ideia de se apropriar da oficina ao fundo é justamente para romper com essa monotonia com uma implantação que sirva como espécie de travessa, para circulação exclusiva de pedestres. Nas figuras a seguir é apresentado como se dá os acessos naquela região.



Figura 28: Atuais rotas
Fonte: Google Maps

PROGRAMA

Baseado nos dados obtidos através da conversa com os quinze amigos em adição aos conceitos que dirigem este trabalho é possível elaborar o programa do projeto e setorizar em duas partes, setor leste e oeste.

Setor leste - Rua Maria Esperança:

- Oficinas/ Salão multiuso;
- Maquetaria;
- Recepção/ Admnistração;
- Instalações sanitárias;
- Midiateca;
- Área de trabalho comum;
- Sala de reuniões/ atendimento;
- Laboratório digital;
- Estúdio fotográfico;
- Laboratório de revelação fotográfica;
- Área de trabalho privada;
- Sala de descompressão;
- Copa;
- Jardim;

Setor Oeste - Avenida João Naves de Ávila:

- Cafeteria/ Bar;
- Sala de exposição;
- Área verde;
- Instalações sanitárias;
- Fornos de pizza;
- Arquibancada.

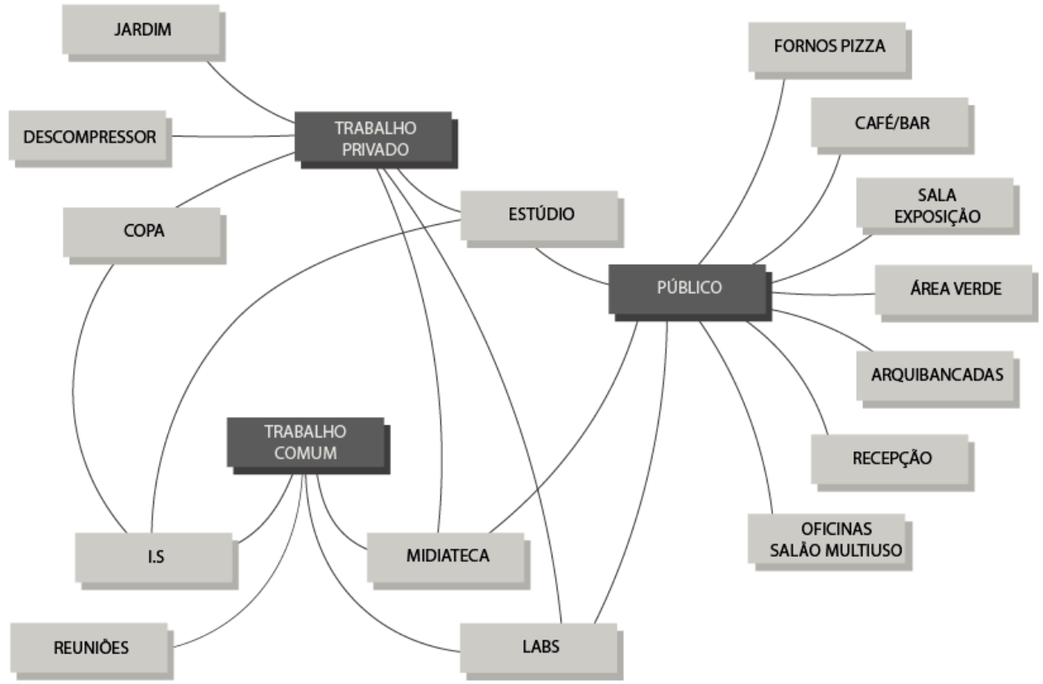


Figura 29: diagrama de organização do programa
Fonte: Do autor

O PROJETO

O projeto foi pensado para abrigar um grupo de amigos da faculdade em suas vindouras profissões em um espaço para que mesmo após a graduação o contato e a proximidade permaneçam. A ideia de “ficar juntos” é o que guia toda a produção e soluções aqui definidas.

O projeto não satisfaz apenas o requisito de ser um espaço de trabalho para que amigos possam trabalhar juntos, é mais do que isso, é uma tentativa de aplicar alguns ideais e valores adquiridos ao longo da graduação em arquitetura e urbanismo, valorizando pontos considerados importantes em consenso entre estes amigos: o conhecimento, a cultura e a arte.

O terreno como um todo permite o acesso pelas duas extremidades da quadra interligando a Avenida João Naves de Ávila com a Rua Maria Esperança, essa característica de travessia é um dos partidos do projeto. Propõe-se uma espécie de quadra aberta, um percurso no qual o pedestre independentemente do lado que começar tem contato e acesso a todo o programa do projeto.

A quadra aberta assegura algumas características importantes, como a permeabilidade, a continuidade do espaço caminhável e ambientes de qualidade, características essas que são aceitas e valorizadas pela sociedade. Ao trazer o pedestre para dentro da quadra aberta muda-se a experiência do caminhar, não é mais a calçada tradicional tangente à via dos veículos, o eixo visual muda e aumenta-se a possibilidade de atividade e usos com um novo programa projetado para dentro desta quadra coma diversificação das construções, o mobiliário urbano, a arborização, entre outros.

Inserido em uma junção de terrenos estreitos próximos a universidade federal de Uberlândia a implantação do projeto é pensada para permitir que essa ideia de permeabilidade aconteça sem interferências, todos que circulam ali têm fluidez na mobilidade e enxergam para onde vão sendo guiados pela extensa travessa enquanto apreciam e utilizam de um programa multifuncional ao nível térreo do terreno como um todo. O programa é dividido em três caráteres, público, semipúblico (acesso do público, porém de forma controlada) e privado e é distribuído nos dois edifícios: um principal e mais alto onde se concentra atividades laborais e intelectuais e outro mais baixo e estreito que contempla as atividades comerciais e de lazer.



Figura 30: Esquema da permeabilidade do complexo – Prancha 2

Fonte: Do autor

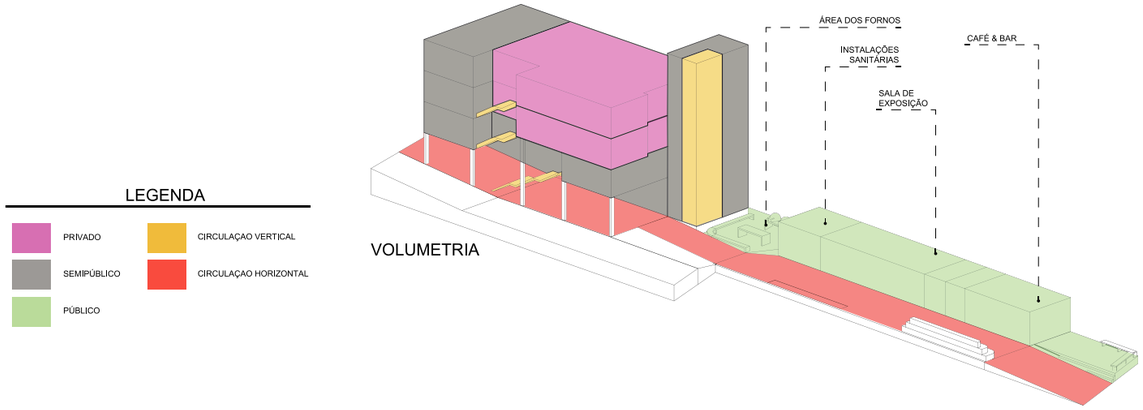


Figura 31: Volumetria e setorização – Prancha 2

Fonte: Do autor

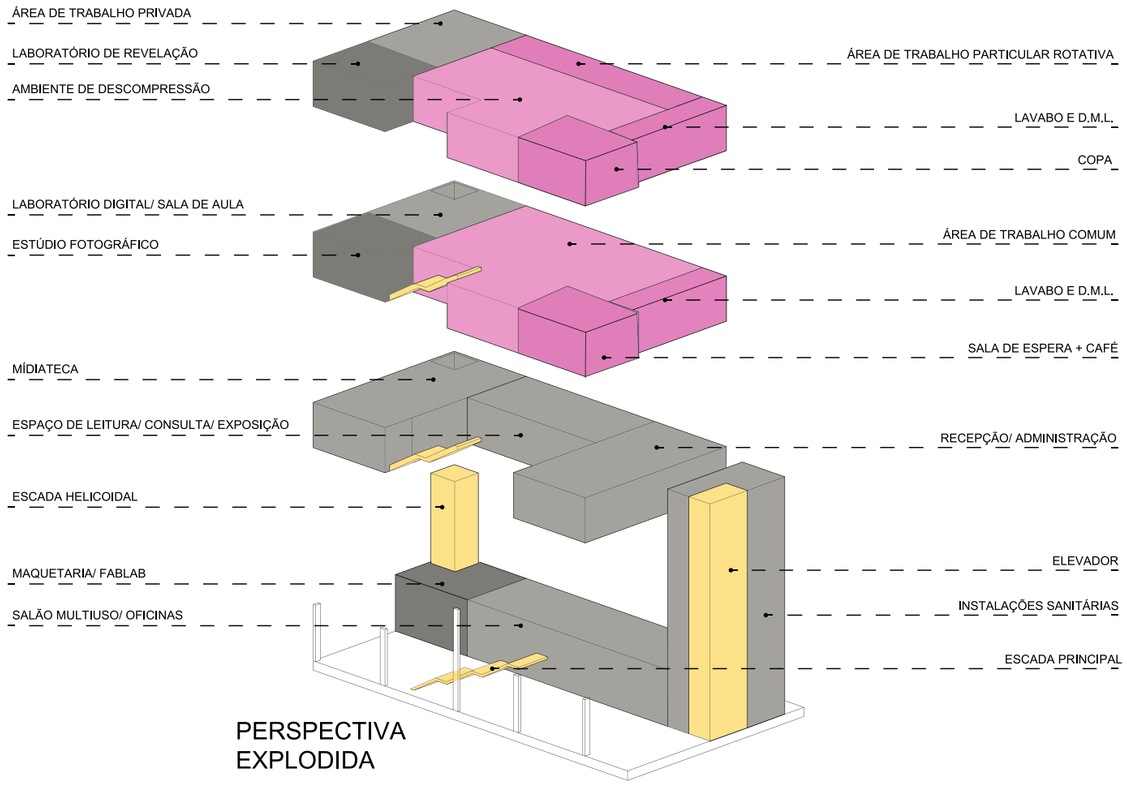
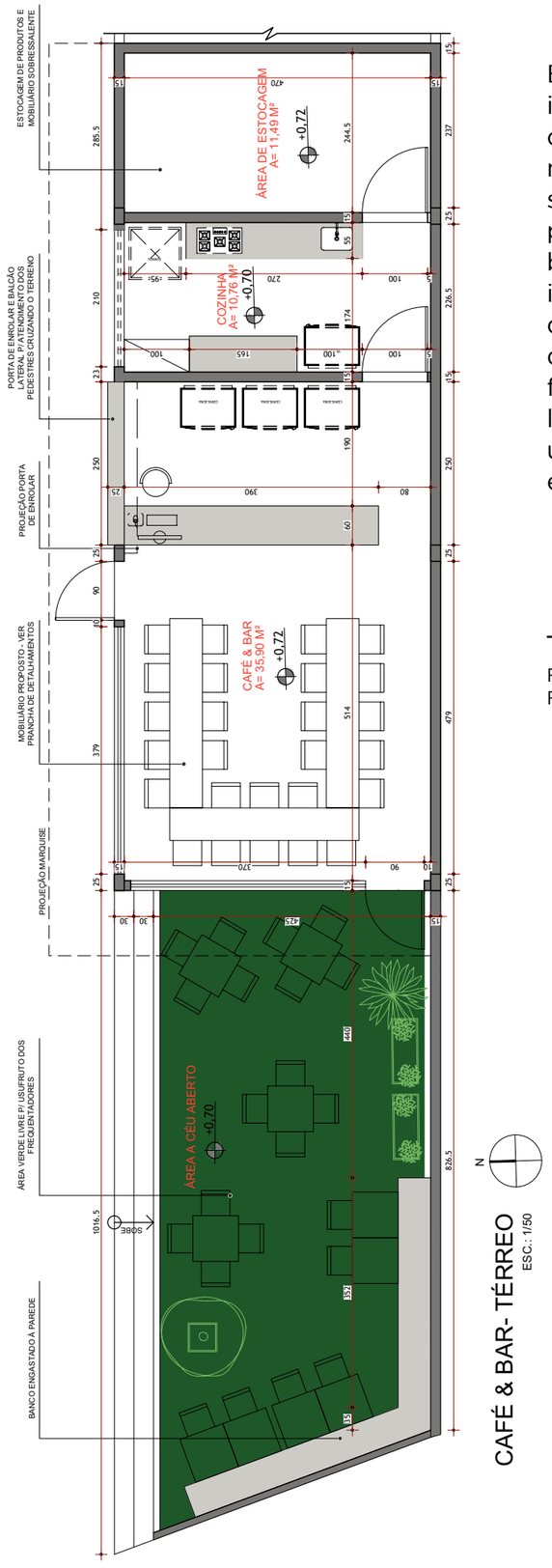


Figura 32: Setorização – Prancha 2
Fonte: Do autor

O programa se divide junto com os dois edifícios. na porção oeste, voltada à Avenida João Naves de Ávila, localiza-se o mais baixo e estreito, seu programa abrange, no sentido oeste-leste, um "pocket park" logo após adentrar o terreno, um espaço livre para uso e disponível para a ocupação dos clientes da cafeteria ao lado que de noite possui uma programação de bar e se adequa ao movimento das pessoas com a possibilidade de dispor mesas na área livre ou mesmo no calçamento contando com o apoio de uma arquibancada logo a frente de seu balcão lateral voltado para quem atravessa a quadra, tornando o ambiente propício para um *happy hour* de fim de expediente ou após a aula na universidade.



Esta cafeteria/ bar dispõe em seu interior do ambiente principal onde os clientes são atendidos e se distribuem na mesa em "U", projetada dessa forma seguindo um dos principais conceitos do projeto, a socialização e proximidade. O balcão em "L" que atende tanto a parte interna quanto externa abriga abaixo de si o expositor com os produtos do dia e também delimita o espaço dos funcionários. Logo atrás está a cozinha linear para a produção e em seguida uma área de estocagem para produtos e mobiliário sobressalente.

Figura 33: planta cafeteria/ bar – prancha 5
Fonte: Do autor

A linguagem plástica e visual externa deste conjunto como um todo segue a mesma devido a solução construtiva adotada seguindo módulos de 500x519cm, com telhado embutido e uma marquise de 100cm na face norte rente ao alinhamento superior das portas e janelas, estas todas em esquadria metálica preta.

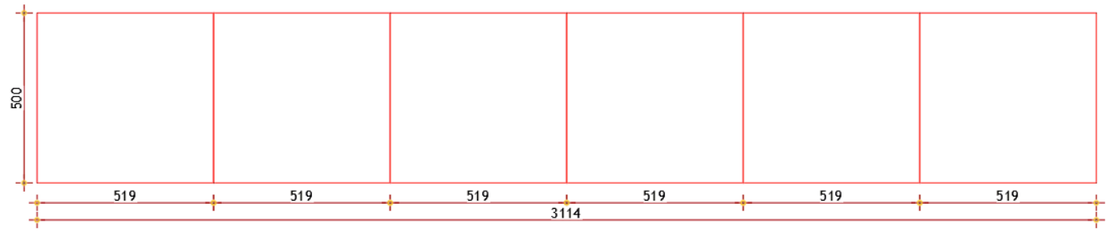


Figura 34: Modulação
Fonte: Do autor

Para a cafeteria/ bar, suas elevaçoes norte e oeste, protegidas do sol pela marquise, possue duas grandes aberturas vedadas pelas esquadrias metálicas e janelas de vidro. Mesmo que o visual externo do conjunto seja mais austero, internamente a cafeteria é bem diferente, dispõe-se de cores em tons pasteis, iluminação pendente, teto verde decorativo, paredes texturizadas o que torna o ambiente mais adequado à sua função.

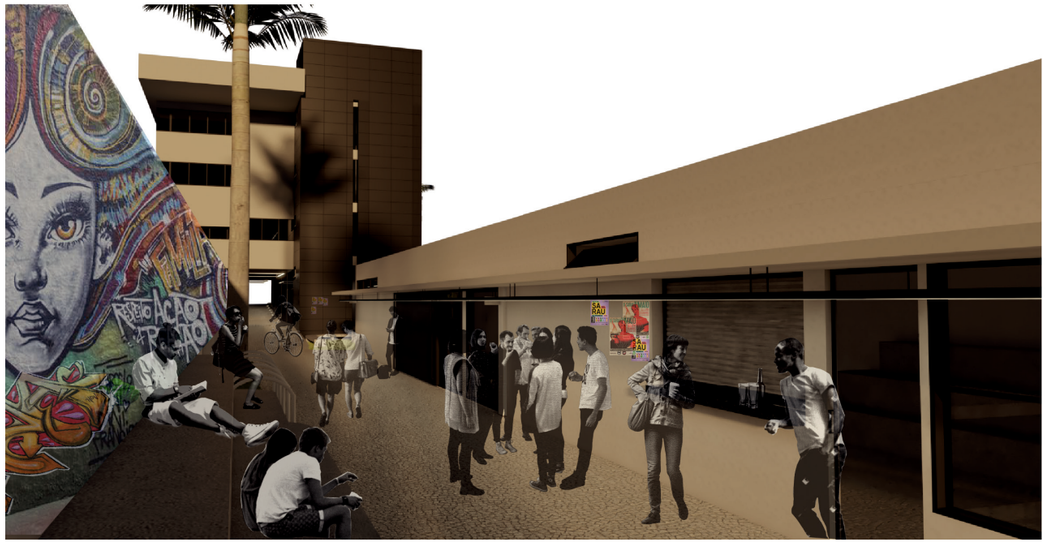


Figura 35: Perspectiva Cafeteria
Fonte: Do autor



Figura 36: Perspectiva Interna
Fonte: Do autor

Após a cafeteria há uma sala de exposição com uma programação cultural artística acontecendo e convidando aqueles que cruzam a quadra a conhecer o que há de novo no momento. A sala de exposição se disponibiliza para expor obras plásticas, ensaios fotográficos, desenhos, entre outros, de artistas.

Orientando-se dos conceitos de permeabilidade e visualização, a sala de exposição se lança com metade da parede norte sendo em caixilho de metal e vidro do piso à marquise, para aqueles que estão passando pela travessa consigam ver o que há dentro e se sintam convidados a conhecer o que está ocorrendo.], uma parte desta caixilharia é de vidro fixo e a outra uma larga porta pivotante, entretanto há correndo externamente um portão que serve para o fechamento deste ambiente protegendo a porta e também controlar a incidência de luz dentro do ambiente conforme a exposição do momento exigir.

Internamente a sala é extensa e vazia apenas com um cômodo ao fundo para apoio do artista e seu material e também estocagem de materiais para modificações de cenário e estruturas móveis como biombos, painéis, expositores, etc., para que a cada rotação seja possível configurar a sala de acordo com a preferência do artista.

Figura 37: planta sala de exposição – prancha 5
Fonte: Do autor

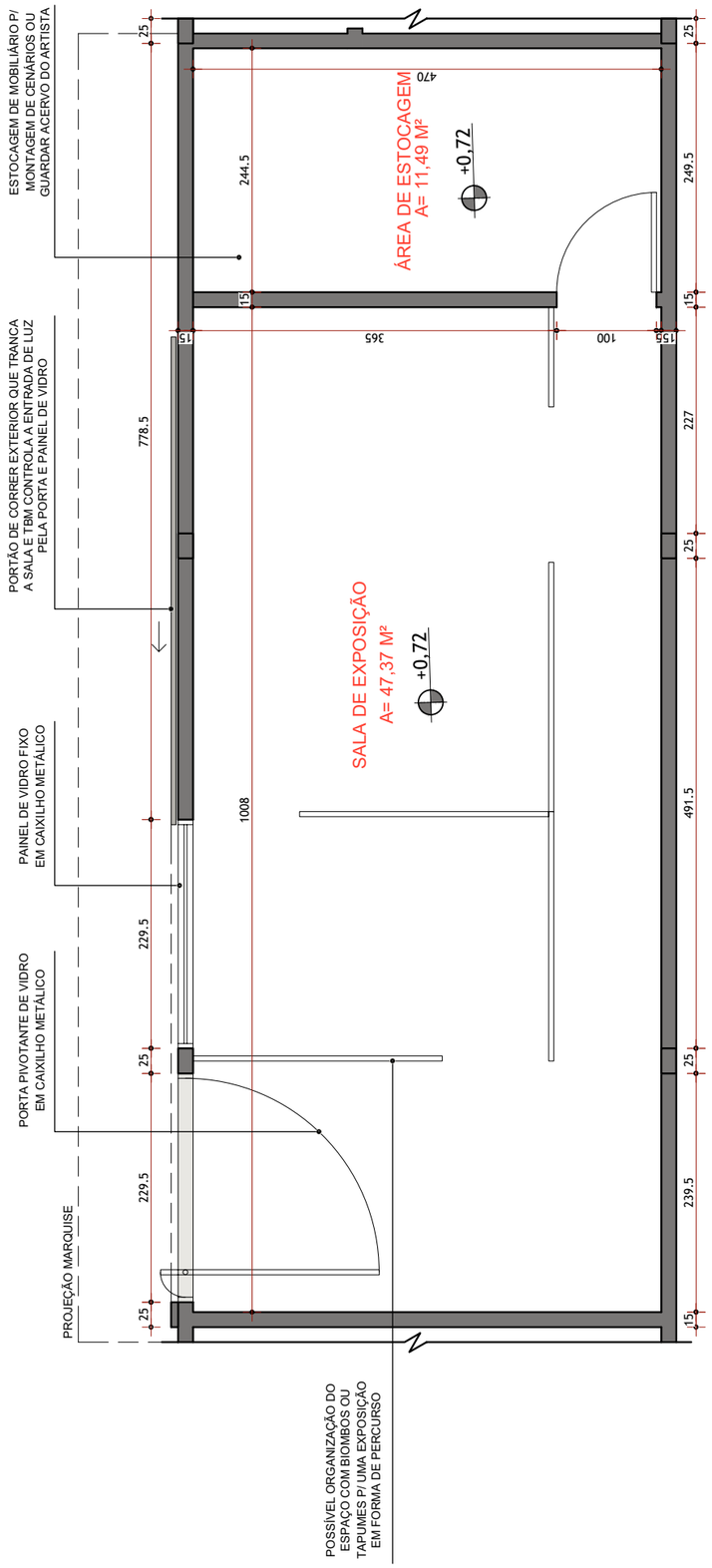




Figura 38: Perspectiva elevação norte da Sala de Exposição
Fonte: Do autor

Ao fim desse primeiro plano estão dispostos os banheiros e a área dos fornos de pizza, elemento tradicional do curso de arquitetura e urbanismo e característica forte de representação da união e festividade que os fundadores quiseram trazer para o projeto, este espaço serve, além de sua clara função, como um ambiente de encontro para atividades de qualidade como, beber, comer, conversar e se divertir.

Esta área dispõe-se de mobiliário urbano em concreto implantado sobre a grama, um longo banco em “L” que junto da bancada dos fornos também em forma de “L” simetricamente oposta transformam este ambiente em um reduto com uma mesa ao centro, quase como uma sala de estar de uma residência. Ao lado há os banheiros públicos que servem de apoio para todo este percurso do térreo do terreno.

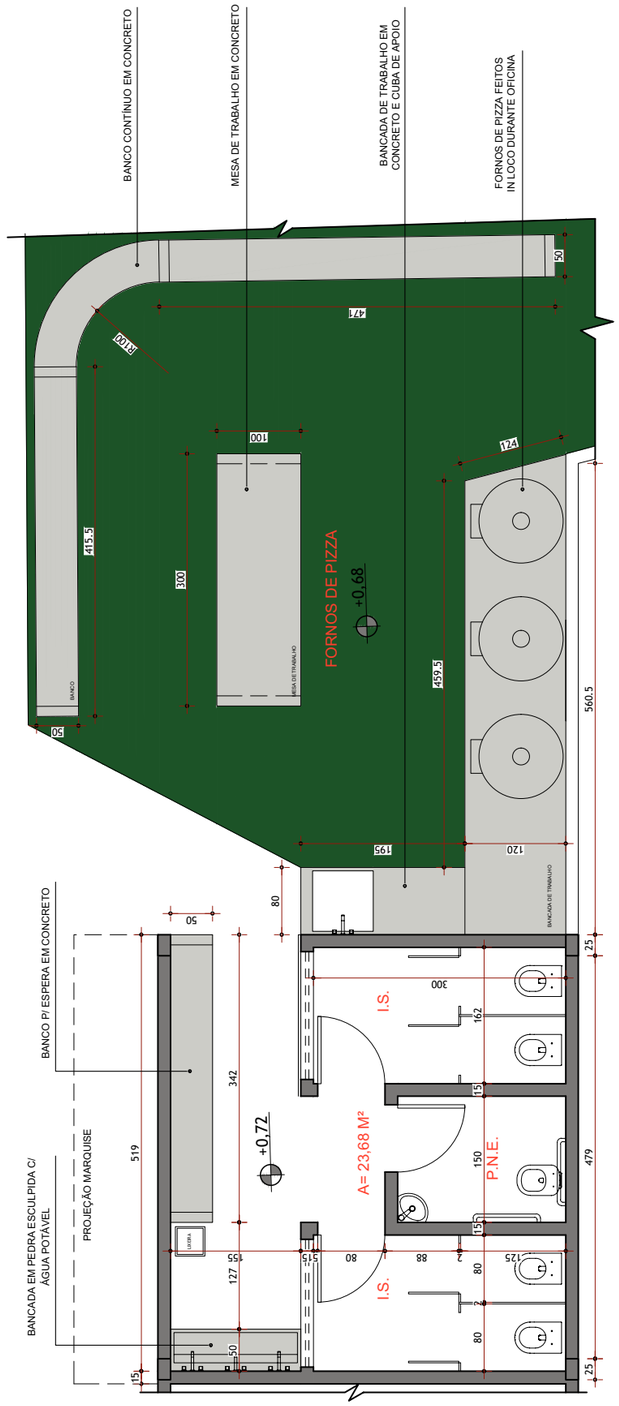


Figura 39: Banheiros e área dos fornos de pizza – prancha 5
Fonte: Do autor



Figura 40: Perspectiva banheiro e área dos fornos
Fonte: Do autor

Parte importante da composição é a própria rua interna, a travessia paginada em pedra portuguesa branca, tradicional revestimento das praças brasileiras, que se estende da ponta oeste até a ponta leste do terreno, e a parte oeste onde está implantado os serviços supracitados é uma esplanada que acomoda, além do edifício, um segmento de arquibancada e um bicicletário para que todo tipo de transeunte possa se acomodar nessa área, é um espaço para aglomeração e movimento ao mesmo tempo e quem dita o ritmo são os frequentadores. O setor oeste do terreno é para funcionar como um calçadão movimentado de uma praça, acolhendo aqueles que querem atalhar o quarteirão, ou assistir uma exposição fotográfica, tomar um café expresso antes de pegar o ônibus na estação da avenida, sentar na arquibancada a noite na travessa enquanto dividem uma cerveja.

Figura 41: Elevação Oeste – Prancha 13
Fonte: Do autor



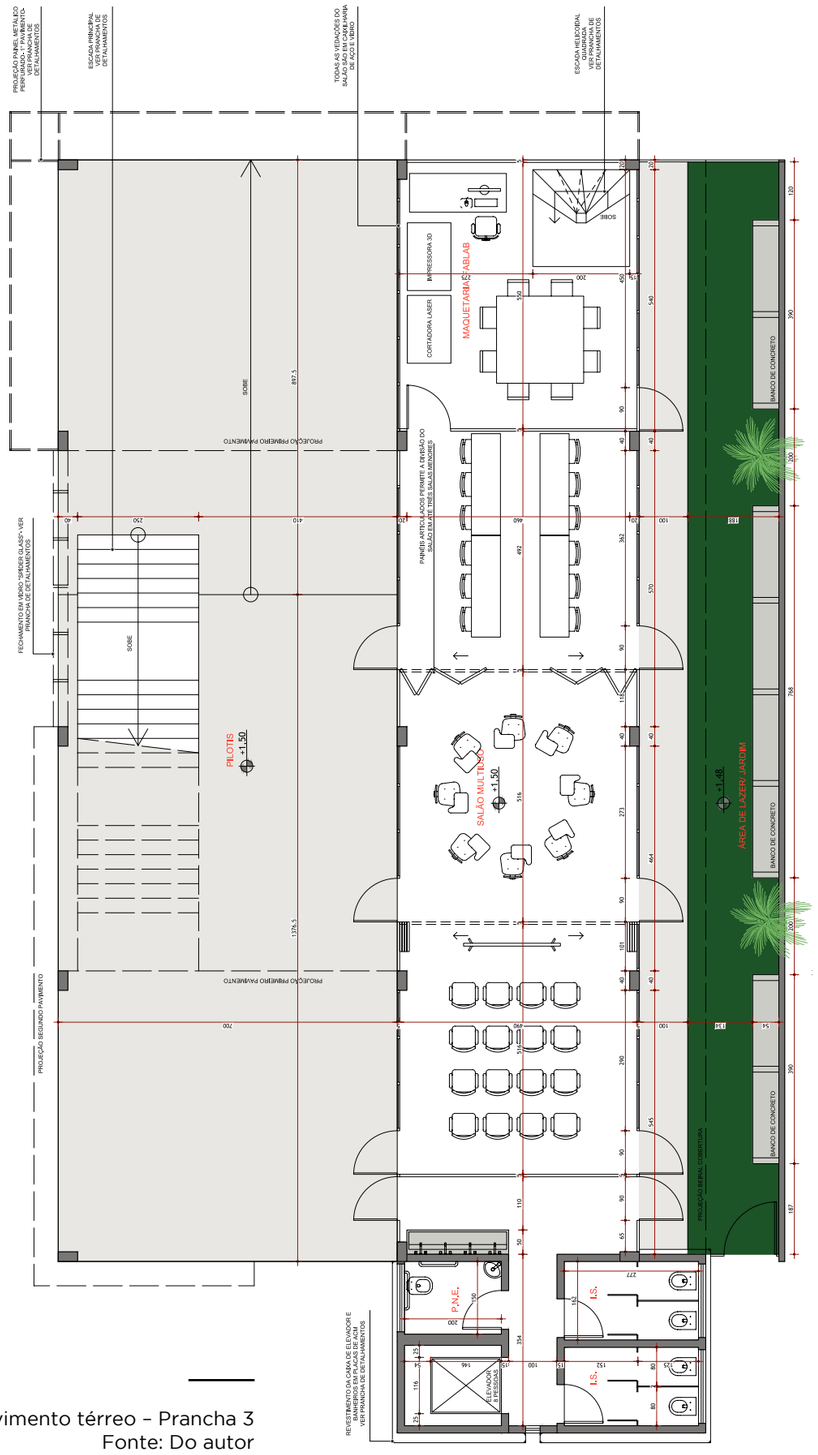


Figura 42: Planta pavimento térreo – Prancha 3
Fonte: Do autor

Continuando a caminhada, na porção leste, voltada para a Rua Maria Esperança, está o edifício mais alto que oferece duas opções, ou continuar a caminhada sob ele e terminar de atravessar a quadra ou adentra-lo. Seja pelo elevador ou pelas escadas o edifício possui atividades mistas de caráter privado e semipúblico.

Com um programa voltado para atividades educacionais e de teor artístico-cultural o bloco oferece ao público acesso a um *fablab* com maquinário para produção de maquetes, impressão 3D, peças digitais, etc. e salas para ocorrência de oficinas no pavimento térreo, oficinas ou cursos oferecidos e ministrados por algum dos fundadores ou até mesmo terceiros. Estas salas são comunicantes e podem se unir quando os painéis retráteis são recolhidos transformando em uma sala maior ou em um salão para alguma ocasião especial ou evento que demande de um espaço maior, podendo utilizar até mesmo do espaço sob os pilotis do prédio. Ao fundo deste salão aproveitando do recuo do edifício há uma área verde de respiro com bancos rentes ao muro da divisa com o vizinho.

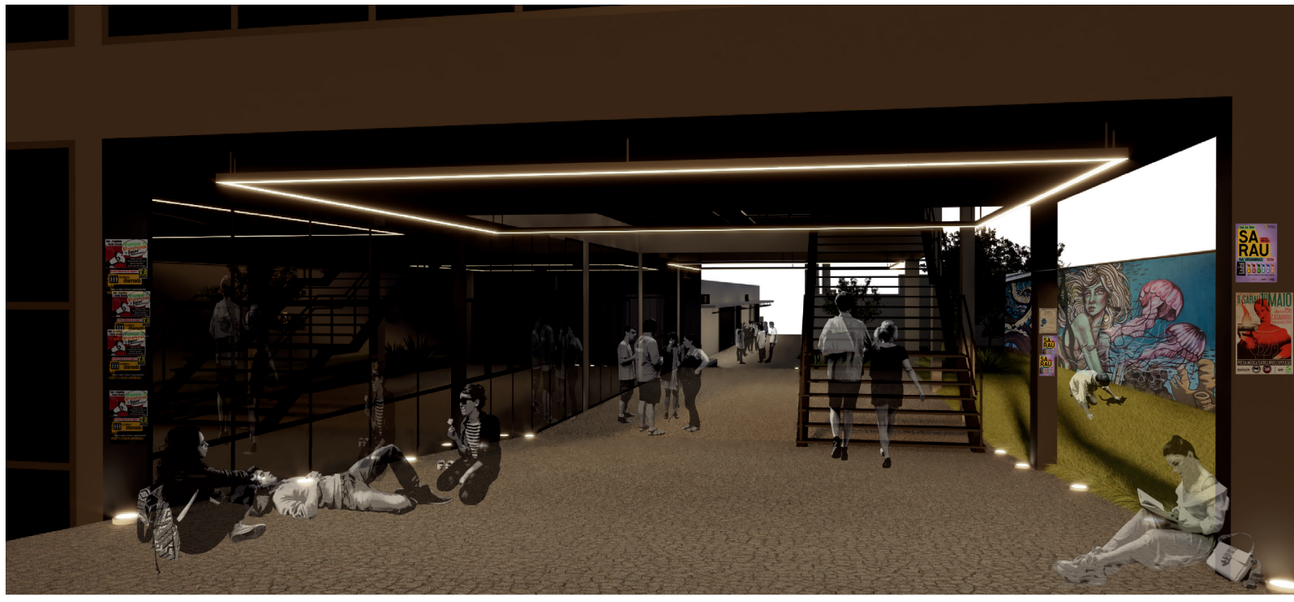


Figura 43: Perspectiva banheiro e área dos fornos
Fonte: Do autor

É possível subir ao primeiro pavimento por três maneiras, pela escada principal, de elevador ou pela escada helicoidal que está dentro do *fablab*. Neste primeiro pavimento encontra-se a recepção e administração do prédio, que cuida do controle e regimento de todo esse setor semipúblico do edifício e também a mídiateca, de acesso a qualquer pessoa, com conteúdo voltado para os temas da arquitetura, urbanismo, artes, design, cinema, música e afins, podendo fazer uso do material e do espaço ou fazer o empréstimo do material e levar para a casa. A escada helicoidal que liga o *fablab* até a midiateca continua subindo pelos demais pavimentos, pois ela é a circulação comunicante de todo este lado direito do prédio que é onde se encontra todo o setor de mídias e semipúblico do edifício.

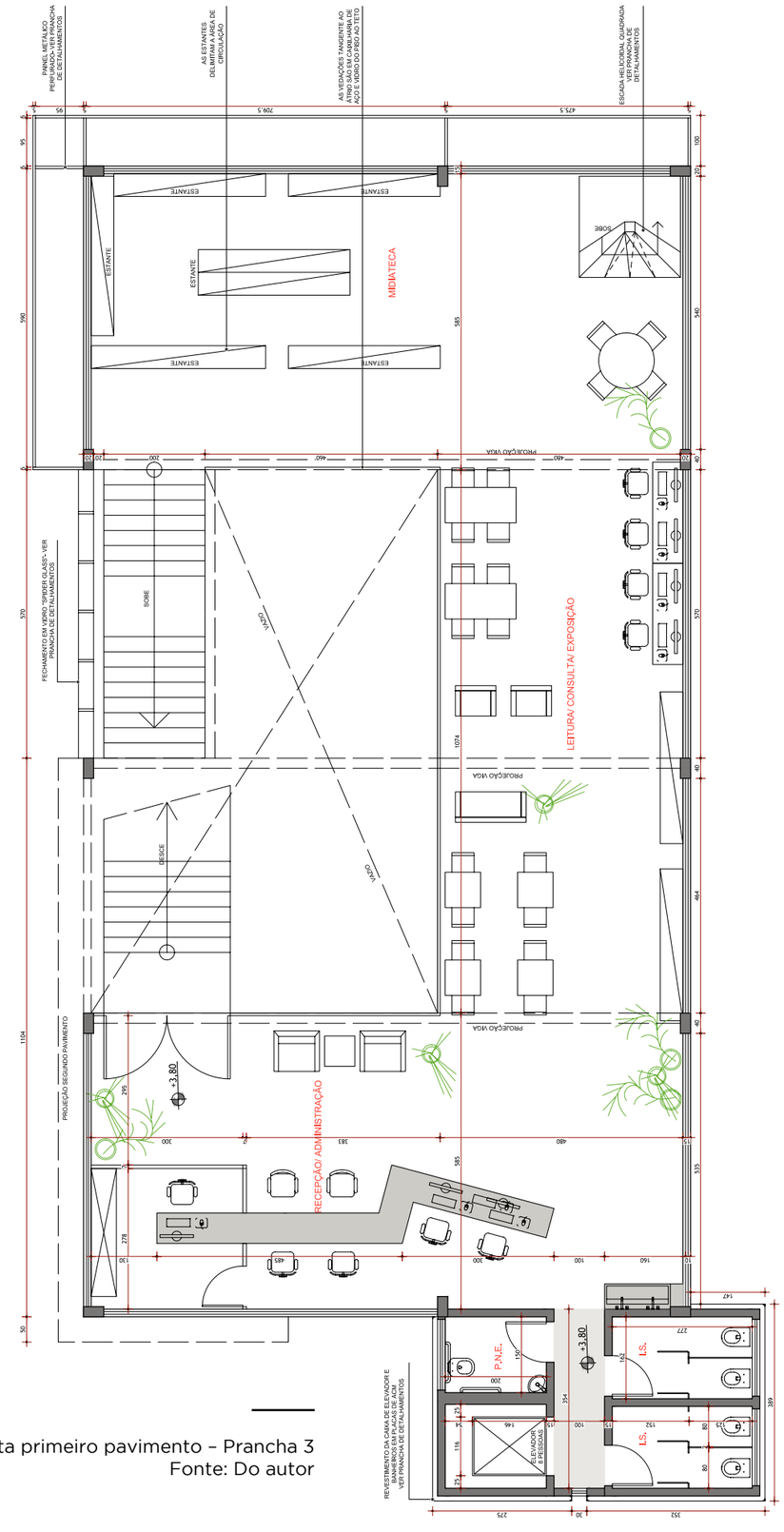


Figura 44: Planta primeiro pavimento – Prancha 3
Fonte: Do autor

No segundo pavimento a partir da escada helicoidal seguindo essa setorização do espaço semipúblico do setor midiático tem-se um laboratório digital e um estúdio fotográfico que serve aos cursos de fotografia, modelagem e arquitetura e digital ministrados por duas das fundadoras e ainda nesse mesmo eixo, logo acima no terceiro pavimento encontra-se um laboratório de revelação de fotos e área em que essas trabalham no dia-a-dia quando não estão dando suas aulas.

Agora para aqueles que trabalham no prédio, suas atividades começam no segundo pavimento, uma área de trabalho comum em planta aberta onde cada mesa representa uma ou mais firmas de arquitetura, compartilhando experiências a todo o tempo. Para o funcionamento de escritórios de arquitetura são necessários alguns outros espaços, logo há também duas salas de reunião e atendimento centralizadas na porção esquerda do pavimento para as equipes ou clientes, uma sala de espera e descanso com mobiliário apoio compõe esse conjunto. Já na porção à direita está a continuação do setor de mídias semipúblico, separado fisicamente do restante do pavimento por uma vedação de vidro, mas ainda sim comunicante por uma porta e pelo eixo visual.

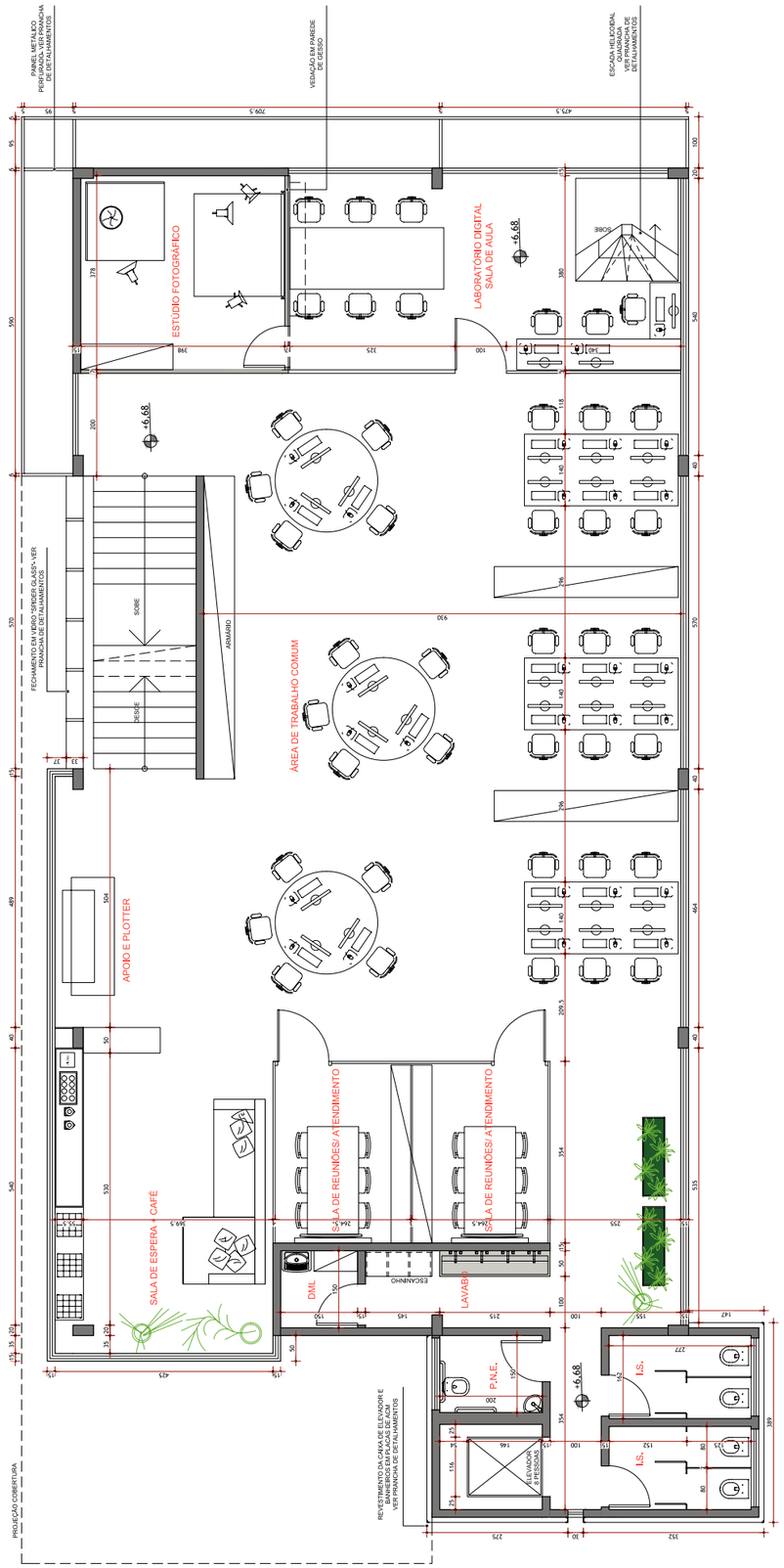


Figura 45: Planta Segundo pavimento – Prancha 4
Fonte: Do autor

No terceiro pavimento há um espaço mais reservado, separado do restante do pavimento por uma vedação em gesso e dividido entre si pelo mobiliário, para aqueles que preferem trabalhar mais isolados ou quando precisarem de mais concentração e privacidade comunicando diretamente com a última parte do setor de mídias através de uma porta que leva a área de trabalho privada da Isabella e da Maria Luiza, as únicas com uma área privada já designada devido ao caráter de suas atividades no prédio, enquanto a área de trabalho privado anterior é rotativa entre os demais membros.

É também no terceiro pavimento que está situado a área de descanso, recreação e comedoria daqueles que trabalham no edifício, um longo espaço aberto chamado de ambiente de descompressão compõem a cena e servem para as finalidades do ócio criativo e da diversão com um lounge de sofás e poltronas, uma mesa de sinuca, vasos e cachepôs dispostos por todo o pavimento para trazer o verde até o último andar, uma televisão grande para reunir e assistir filmes ou jogar *videogame* e a copa com uma longa mesa de jantar de dezesseis cadeiras, para cada um dos integrantes, utilizarem nos momentos de alimentação.

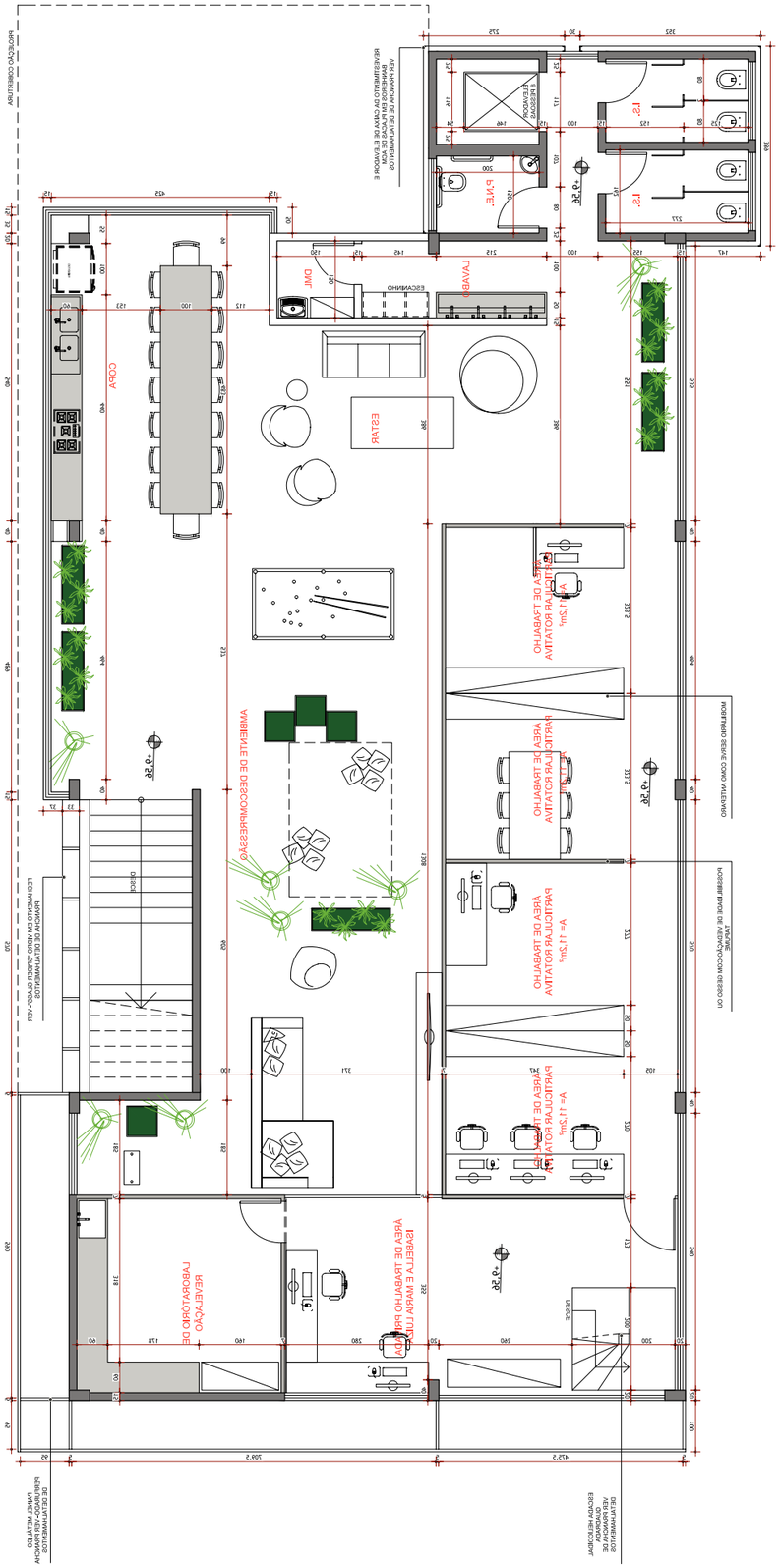


Figura 46: Planta terceiro pavimento – Prancha 4
Fonte: Do autor

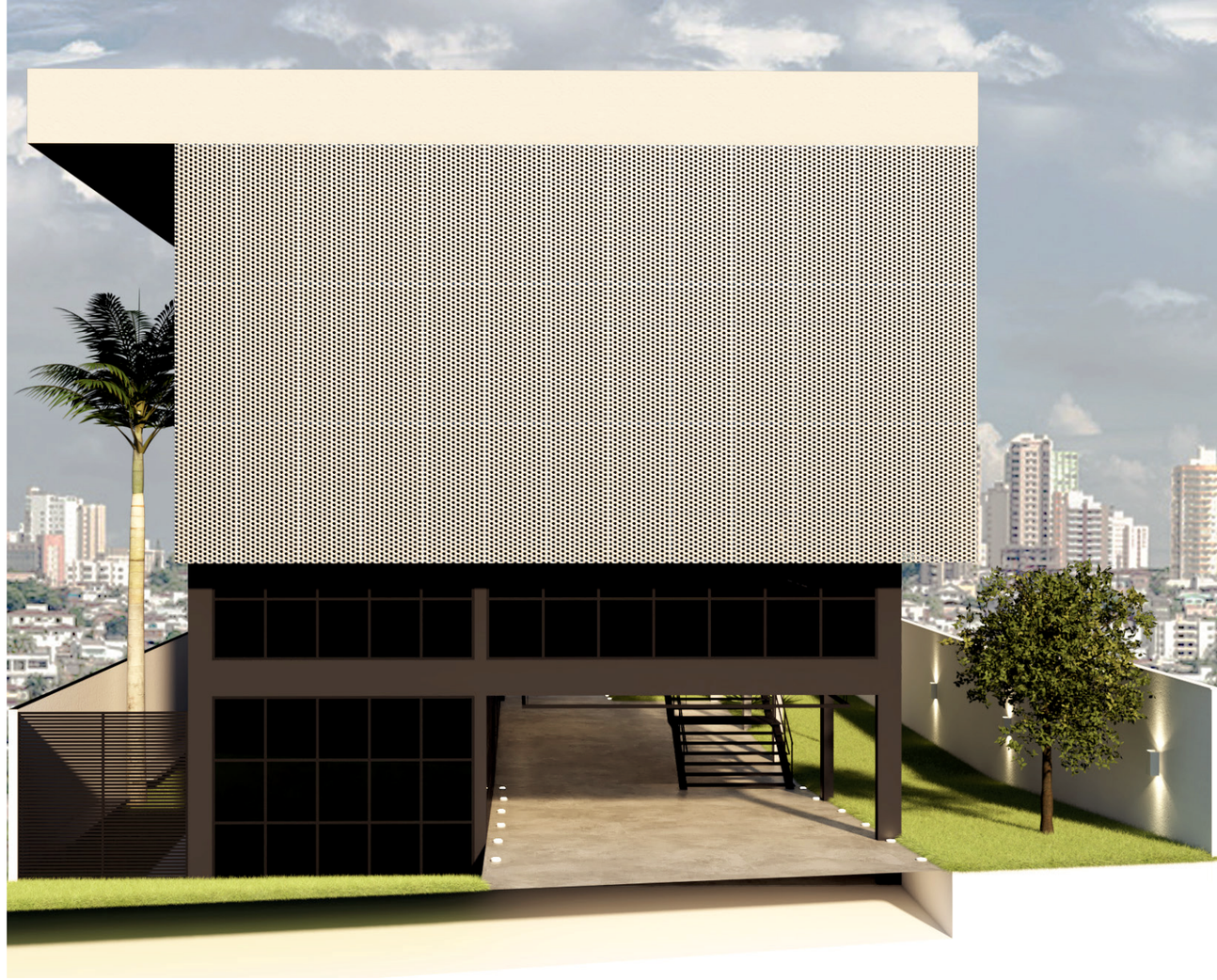


Figura 47: Chapa metálica perfurada Elevação Leste – Prancha 13
Fonte: Do autor

Analisando externamente este edifício principal foi utilizado alguns artifícios para compor sua plástica e materialidade. Na elevação leste, onde está o setor midiático há desde o beiral da cobertura até a metade do primeiro pavimento uma estrutura em chapa metálica perfurada que da o aspecto de extrusão ao volume e o visual de que há algo escondido atrás, mas que também foi escolhida para fazer a proteção da incidência solar nesta área e ainda permitir a exaustão do ar. Detalhamento desta encontra-se na Prancha 9.

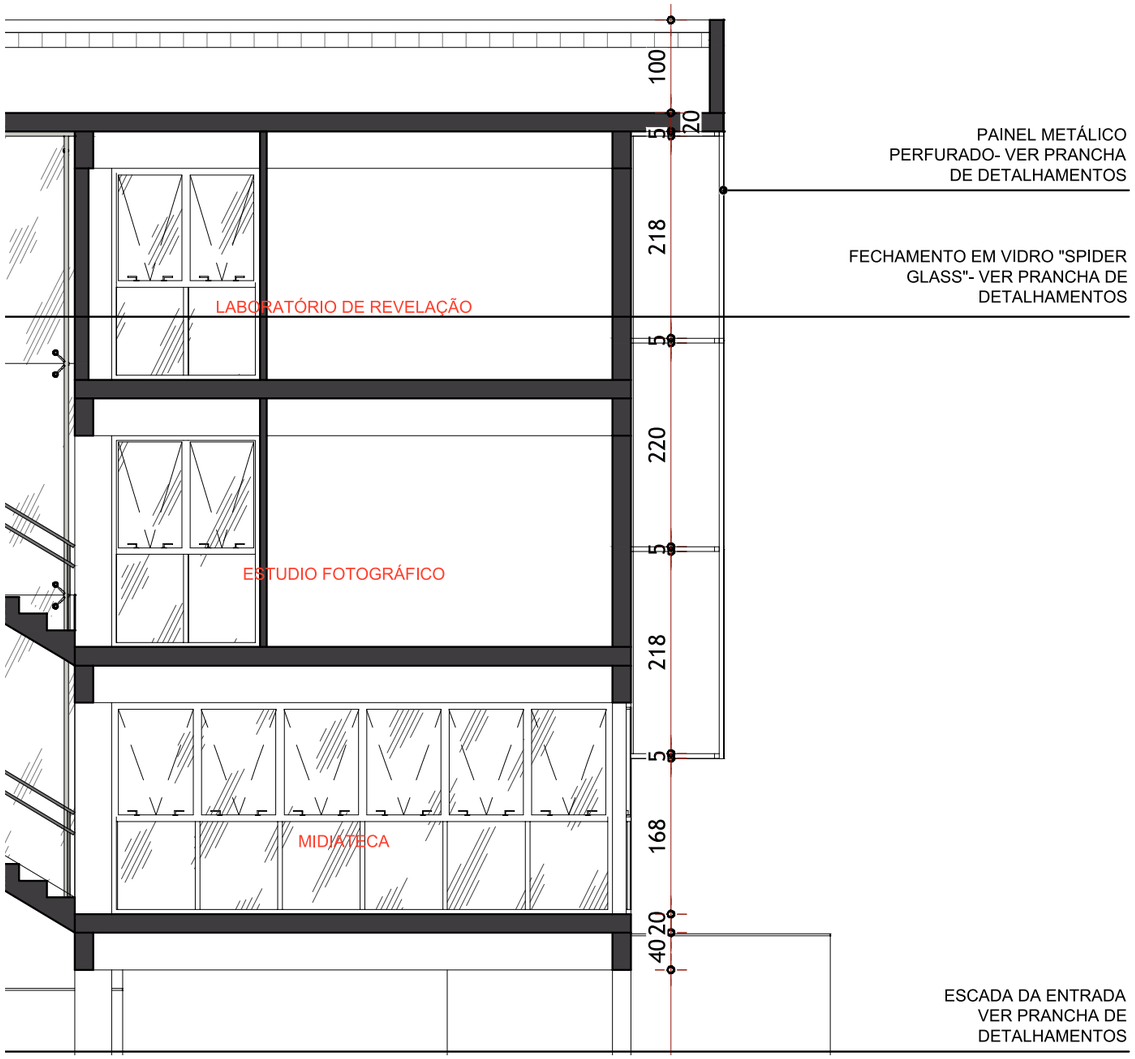


Figura 48: Recorte do Corte BB – Prancha 6
Fonte: Do autor

Toda as janelas do edifício são de vidro temperado cinza para reter parte da forte iluminação e diretamente a frente das escadas que ligam os pavimentos foi escolhido o sistema “spider glass” com painéis de vidro insulado também na cor cinza para compor esse volume tornando a visualização externa dessas escadas como um elemento único sem interrupções. Detalhamento deste sistema encontra-se na Prancha 10.



Figura 49: Recorte da Elevação Norte – Prancha 12
Fonte: Do autor

Na elevação Oeste que é a com maior incidência de sol durante o ano foi proposto um grande beiral que ajuda na proteção do segundo e terceiro pavimentos, e para a proteção do primeiro pavimento foi feito uma estrutura metálica com revestimento em placa cimentícia formando uma proteção fixa e sólida. Detalhamento desta estrutura encontra-se na Prancha 11.

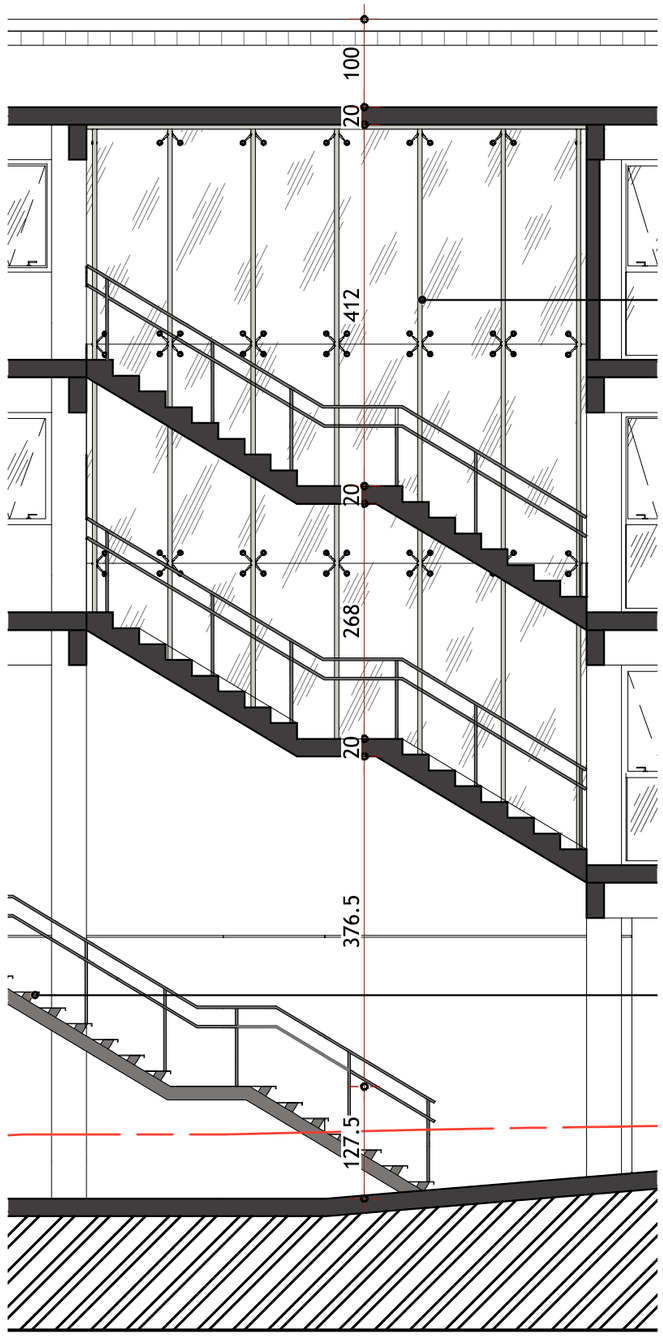
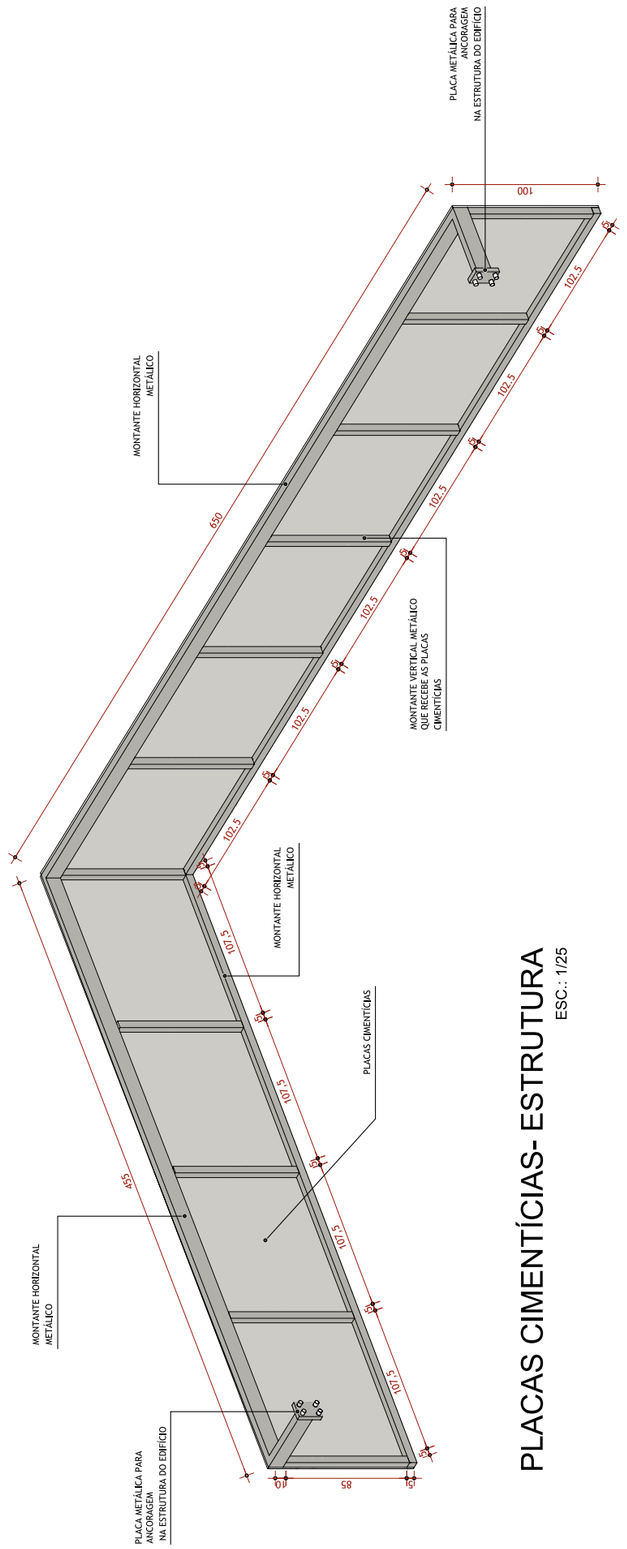


Figura 50: Recorte do Corte BB – Prancha 6
Fonte: Do autor



PLACAS CIMENTÍCIAS- ESTRUTURA
ESC.: 1/25

Figura 51: Recorte do Detalhamento – Prancha 11
Fonte: Do autor

Ainda na fachada Oeste há o volume da caixa de banheiros e elevador, todo revestido em painéis de ACM preto fosco o que o diferencia e destaca do volume restante do prédio intencionalmente para dar o aspecto de um volume anexado ao restante e o acabamento em chapa metálica preta exibe um aspecto monolítico, um marco visual. Detalhamento desta estrutura encontra-se na Prancha 11.

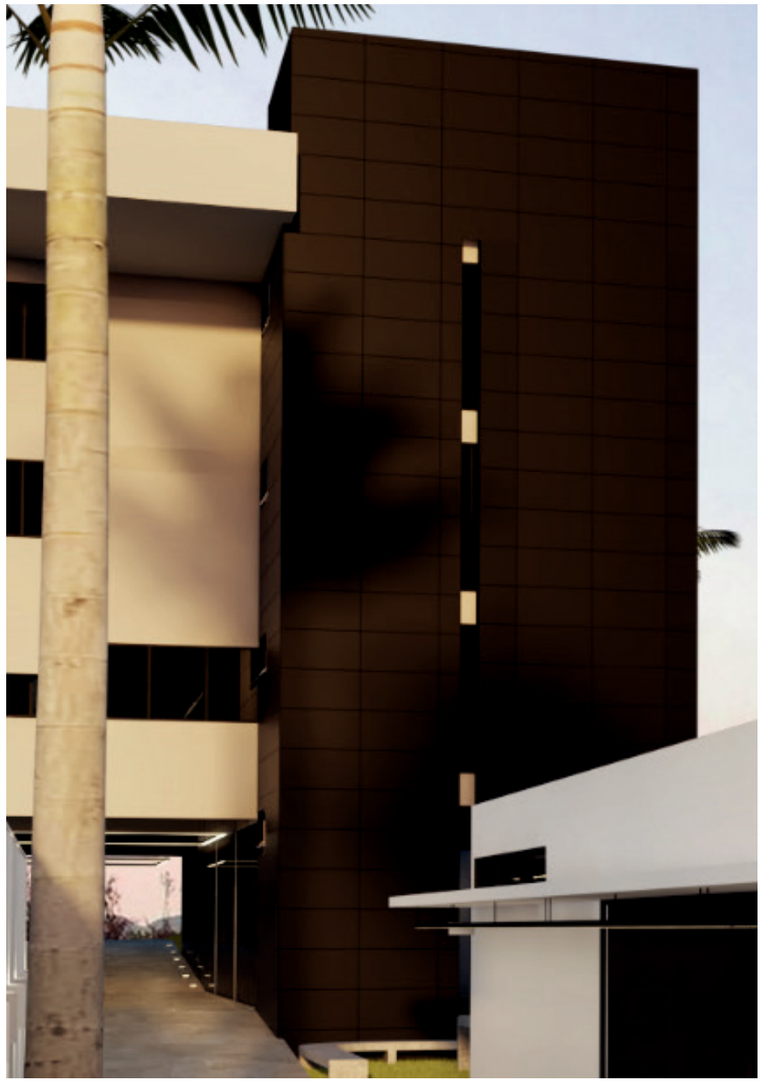


Figura 52: Volume da caixa de elevador e banheiros

Fonte: Do autor

A elevação Sul possui baixíssimo índice de incidência solar, logo nenhuma alternativa à proteção contra o sol complexa foi feita além do próprio beiral da cobertura.



Figura 53: Elevação Sul – Prancha 13
Fonte: Do autor

As cores escolhidas para compor os dois edifícios do projeto são de uma paleta mais neutra, com dois tons de cinza, um claro que cobre completamente o edifício mais baixo voltado à Avenida João Naves de Ávila e quase que completamente o edifício principal voltado à Rua Maria Esperança, e um tom escuro que cobre apenas o setor de mídias semipúblico do edifício principal, justamente para demarcar visualmente essa separação. Além disso há tons ainda mais escuros e de preto presente nas caixilharias de ambos edifícios, na escada principal e na torre de banheiros e elevadores para dar mais visibilidade as superfícies predominantes de cinza claro.



Figura 54: Perspectiva de todo o terreno
Fonte: Do autor

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, C. **A História do Ambiente de Trabalho em Edifícios de Escritórios:** Um século de transformações. 1ª. ed. São Paulo: C4, 2007.

ARANTES, P. F. **Arquitetura Nova.** 1ª. ed. São Paulo: 34, 2002.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco.** 4ª. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

ARISTÓTELES. **A Política.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BEHNE, A. **La construcción funcional moderna.** Barcelona: Collegi d'Arquitectes de Catalunya, 1994.

CACCIA, L. **Mobilidade Urbana: Políticas públicas e a apropriação do espaço em cidades brasileiras.** Monografia (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociência, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2015.

CÍCERO, M. T. **Da amizade.** 2ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

DE CARLO, G. Uma arquitetura da participação. In: RODRIGUES, J. M. **Teoria e Crítica de Arquitectura.** Lisboa: Caleidoscópio, 2010. p. 753-758.

FRAMPTON, K. **História crítica da arquitetura moderna.** 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANK Lloyd Wright's Larkin and Johnson Wax Workspaces. **Frank Lloyd Wright,** 2020. Disponivel em: <https://franklloydwright.org/frank-lloyd-wrights-larkin-and-johnson-wax-workspaces/>. Acesso em: 27 Out. 2020.

GENSLER Offices - San Francisco. **Office Snapshots,** 2018. Disponivel em: <https://officesnapshots.com/2019/05/06/gensler-offices-san-francisco/>. Acesso em: 1 Nov. 2020.

GROPIUS, W. **Bauhaus:** NovArquitetura. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HERTZBERGER, H. **Lições de Arquitetura.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010.** Brasil. 2010.

MARX, K. **O Capital. Crítica da Economia Política. Livro Primeiro. O processo de produção do capital.** Rio do Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2010.

MENDELS, F. F. Proto-industrialization: The First Phase of the Industrialization Process. **The Journal of Economic History,** v. 32, p. 241-261, 1972.

MONTAIGNE. **Ensaios.** 3ª. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MUMFORD, L. **A cidade na história:** suas origens, transformações e prespectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PANDEMIA de COVID-19: Impacto en la educación y respuestas en materia de políticas. **Banco Mundial,** 2020. Disponivel em: <https://www.bancomundial.org/es/topic/education/publication/the-covid19-pandemic-shocks-to-education-and-policy-responses?utm_medium=website&utm_source=archdaily.com.br>. Acesso em: 12 Ago. 2020.

PANDEMIA desmistifica home office e revela efeitos negativos de trabalhar em casa. **Notícias UOL,** 2020. Disponivel em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/06/17/pandemia-desmistifica-home-office-e-revela-efeitos-negativos-de-trabalhar-em-casa.htm>. Acesso em: 12 Ago. 2020.

PEVSNER, N. **Origens da Arquitetura Moderna e do Design.** 3°. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROGRIGUES, J. M. **Teoria e Critica de Arquitectura - Século XX**. 1. ed. Lisboa: Caleidoscópio, 2010.

SENNETT, R. [S.l.]: [s.n.], 1988.

SENNETT, R. **Juntos.** 2ª. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SOBRE a Empresa: USINA ctah. **USINA_ctah,** c2020. Disponivel em: <http://www.usina-ctah.org.br/sobre.html>. Acesso em: 14 Ago. 2020.

SOBRE o escritório: Arquitetos Associados. **Arquitetos Associados,** c2020. Disponivel em: <https://arquitetosassociados.arq.br/sobre/>. Acesso em: 1 Nov. 2020.

TILLY, L. A.; SCOTT, J. W. **Womem, work and family.** New York: Holt, Rinehart and Winston, v. Parte 1, 1987.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA. FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN. **Projeto Pedagógico.** Uberlândia. 2011.

VIANNA, N. F. **Espaços Coletivos - Espaços privados com áreas coletivas.** Monografia (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo. 2007.

ZERLOTINI DA SILVA, V. **Espaços Coletivo de Trabalho: Entre a produção e a reprodução.** Pesquisa (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2014.

ANEXO VI

TABELA 1 - QUADRO DE ADEQUAÇÃO DOS USOS ÀS ZONAS

Usos / Zona	ZC1	ZC2	ZCF	ZPL	ZPP	ZPA	ZI	ZR1	ZR2	ZR3	ZRPA	ZM	ZT	ZEIS	SVS	SVA	SVC	SVE	SE
H1 - Habitação Unifamiliar	A	A	A	P	A	(9)	P	A	A	A	A	A	A	P	P	A	A	A	A
H2h - Habitação Multifamiliar Horizontal	A	A	A	P	P(4)	(9)	P	A	A	A	P(4)	A	A	P	P	A	A	A	A
H2v - Habitação Multifamiliar Vertical	A	A	A(1)	P	P	(9)	P	P	A	A	P	A	A	P	P	A	A	A	A
H3 - Habitação de Interesse Social	A	A	P	P	P	(9)	P	P	A	A	P	A	A	A(7)	P	A	A	A	A
C1 - Comércio Varejista Local	A	A	A(2)	P	P	(9)	A	A(6)	A	A	P	A	A	A	A	A	A	A	A
C2- Comércio Varejista Diversificado	A	A	P	P	P	(9)	A	P	P	P	P	P	A	P	A	A	A	A	A (11)
C3P - Comércio Especial e/ou Atacadista de Pequeno Porte	A	A	P	P	P	(9)	A	P	P	P	P	P	A	A	A	A	A	A	A
C3M - Comércio Especial e/ou Atacadista de Médio Porte	P	P	P	P	P	(9)	A	P	P	P	P	P	A	P	A	A	P	A	P
C3G - Comércio Especial e/ou Atacadista de Grande Porte	P	P	P	P	P	(9)	A(13)	P	P	P	P	P	A	P	A(13)	P(10)	P	P (10)	P
C4-I - Comércio Atacadista Especial I	P	P	P	P	P	(9)	A(13)	P	P	P	P	P	A	P	A(13)	P	P	P	P
C4-II - Comércio Atacadista Especial II	P	P	P	P	P	(9)	A(13)	P	P	P	P	P	P	P	A(13)	P	P	P	P
S1 - Serviço Local	A	A	A(2)	P	P	(9)	A(5)	A(6)	A	A	P	A	A	A	A(5)	A	A	A	A
S2- Serviço Diversificado	A(8)	A	P	P	P	(9)	A	P	P(12)	P	P	P	A	P	A	A	A	A	A(8)
S3 - Serviço Especial	P	P	P	P	P	(9)	A(13)	P	P	P	P	P	A	P	A(13)	P	P	P	P
E1 - Equipamento Social e Comunitário - Local	A	A	A(2)	P(3)	P	(9)	A(13)	A	A	A	P	A	A	A	P	A	A	A	A
E2 - Equipamento Social e Comunitário - Geral	P	P	P	P(3)	P	(9)	A(13)	P	P	P	P	P	A	P	A(13)	A	A	A	P
E3-I - Equipamento Social e Comunitário – Especial I	P	P	P	P	P	(9)	A	P	P	P	P	P	A	P	A	A	P	P	P
E3-II - Equipamento Social e Comunitário – Especial II	P	P	P	P	P	(9)	A(13)	P	P	P	P	P	P	P	A(13)	P	P	P	P
I1 – Indústria de Pequeno Porte	A	A	A(2)	P	P	(9)	A	P	A	A	P	A	A	A	A	A	A	A	A
I2 – Indústria de Médio Porte	P	A	P	P	P	(9)	A(13)	P	P	P	P	P	A	P	A(13)	A	P	A	P
I3 - Indústria de Grande Porte	P	P	P	P	P	(9)	A(13)	P	P	P	P	P	P	P	A(13)	P	P	P	P
M – Misto*	A	A	A(2)	P	P	(9)	A(13)	A	A	A	P	A	A	A	A(13)	A	A	A	A

Quadro de adequação dos usos às zonas
Fonte: Código de Obras de Uberlândia

ANEXO VII

TABELA 2 – VOLUMETRIA

Zona	Taxa de Ocupação Máxima (%)		Coeficiente de Aproveitamento Máximo	Afastamento Frontal Mínimo (m)	Afastamento Lateral e Fundo Mínimo (m)	Testada Mínima (m)	Área Mínima do Lote (m2)
ZC1	60 (1) (11)		4,5	Facultativo (5)	1,5 (5)	10	250
ZC2	60 (2) (11)		2,75	3,0 (5)	1,5 (5)	10	250
ZCF	70		1,5 (10)	Facultativo	1,5	10	250
ZPL	-		-	-	-	-	-
ZPP	20		0,2	3,0	1,5	50	5.000
ZPA	- (3)		-(3)	- (3)	-(3)	- (3)	-(3)
ZI	60		1,2	3,0 (5)	1,5 (5)	14	500
ZR1	60(8)		1,2(7)(8)	3,0 (8)	1,5 (8)	12(8)	360(8)
ZR2	60		2,75	3,0 (5)	1,5 (5)	10	250
	H2v >4 pav 40(4)						
ZR3	60		1,2	3,0 (5)	1,5 (5)	12	360
	H2v ≤4 pav 45(4)	H2v >4 pav 30(4)	p/ H2 = 3,0				
ZRPA	20		0,2	3,0	1,5	50	5.000
ZM	60		3,00	3,0 (5)	1,5 (5)	10	250
	H2v >4 pav 40(4)						
ZT	60		2,75	3,0 (5)	1,5 (5)	10	250
	H2v >4 pav 40(4)						
ZEIS I	80		2,5	3,0(5)	1,5 (5)	8	200
ZEIS II	80(9)		2,5(9)	3,0(9)(5)	1,5 (5) (9)	8(9)	200(9)

Quadro de adequação dos usos às zonas
Fonte: Código de Obras de Uberlândia

ANEXO VII

TABELA 2 – VOLUMETRIA

Zona	Taxa de Ocupação Máxima (%)	Coeficiente de Aproveitamento Máximo	Afastamento Frontal Mínimo (m)	Afastamento Lateral e Fundo Mínimo (m)	Testada Mínima (m)	Área Mínima do Lote (m2)
ZEIS III	- (6)	-(6)	3,0(5)	1,5 (5)	-(6)	-(6)
SVS	70 (1)	1,4	3,0 (5)	1,5	20	1000
SVA	70 (2)	4,0	3,0 (5)	1,5 (5)	- (6)	- (6)
SVC	70 (2)	3,5	3,0 (5)	1,5 (5)	- (6)	- (6)
SVE	70 (1)	4,0	3,0 (5)	1,5 (5)	- (6)	- (6)
SE	60	3,0	3,0 (5)	1,5 (5)	- (6)	- (6)

Tabela de volumetria adequada a região de SVE
Fonte: Código de Obras de Uberlândia